



0

ALABAMA



1871



G. H. B.

# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 79.ª

QUARTA-FEIRA 3 DE MAIO.

N. 784.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collezio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 2 de maio de 1871.

Officio a Illma. camara municipal, reclamando contra o estorvo que soffrem os transitantes pela agglomeração de pedras, cal e madeiras no caes do Pedroso e outros, contra o disposto na postura n.º 41. Tendo a Illma. determinado os pontos d'Agoa de Meninos, Jaqueira, Pedreiras e Preguiça, para desembarque de taes objectos, espera-se que a Illma. por intermedio de seus fiscaes, faça observar e cumprir a dita determinação por commodo do publico.

—Queixá-se a Sra. Martinha de tal de que o Sr. Virgínio José de Aragão a levava para um logar deserto na ilha de Itaparica e lhe pespegara com uma tremenda surra, fazendo-lhe em seguida incisões em partes melindrosas e expondo-a a tratos repugnantes.

O que provam, diz ella, as sevcias bem visiveis e frescas que tem no corpo.

—Era preciso que esse homem fosse algum canibal, para ser capaz de tamanha atrocidade.

—Eu não digo que o Sr. Virgínio praticasse o que diz a Sra. Martinha, mas é caso esse para a authoridade tomar conhecimento.

—Sem a menor contestação.

A Sra. Martinha continúa a queixar-se de seu zeloso amante desta forma:

Conseguindo transportar-se á esta cidade, refugiou-se em casa da familia do Sr. Antonio de Souza Correia; mas o Sr. Virgínio, de cabeça inchada, em um bello dia varou inesperadamente por dentro de casa armado, ameaçando a mulher a que o acompanhasse. Nessa occasião foi preso á ordem do subdelegado da Sé, conseguindo atirar no quintal a arma que trazia.

Voltou dias depois e ja se achava invisivelmente introduzido em baixo de uma cama,

não sei com que intenção, quando foi descoberto.

—Acho muita facilidade em tudo isso.

—Eu sou Aleixo

Estou contando o que diz a queixosa, e não é particular, porque até, creio, ja foi apresentada á authoridade respectiva uma queixa neste sentido.

Si ha exaggeração portanto, é da Sra. Martinha, querendo se fazer victima de uma atrocidade vergonhosa, a qual em uma mulher, por mais vulgar, não pode deixar de fazel-a enrubecer.

—No domingo, por volta de sete horas da noite, partiram gritos lamentaveis de uma das casas terreas ao Caminho Novo do Gravatá.

—Soube o que foi?

—Era um filho que, dizem, não era a primeira vez que dava em sua mãe.

—Oh! que amaldiçoado!... que monstro!

—Informaram me que é um individuo chamado João, o qual attingindo aos 18 annos, entendeu que era tempo de sacudir o jugo maternal, e exercer igualmente uma authoridade correccional sobre aquella que lhe deu o ser.

—Ha cousas que só de ouvir fazem tremer.

—Ali vae uma mulher, parda, banhada no proprio sangue.

—Segue na direcção da repartição policial.

—Não achou o chefe de policia, encaminha-se para a subdelegacia da Sé.

—Mas ella não obra por si, é encaminhada por aquelle homem que a acompanha.

—Então é elle competente para nos informar do que ha.

—Charo Sr., o que soffre esta mulher?

—Foi sua senhora que a poz neste deploravel estado.

—Oh, miseranda victimal

Duas grandes brechas na cabeça, um talho ao pé da orelha esquerda e mais duas contusões na face do lado direito, o rosto todo arranhado, o corpo sevciado. Como se tortura assim á uma infeliz creatura!...



—E' muita crueldade!...

—Mulher, como se chama?

—Anna Joaquina.

—E quem a martyrisou assim tão des-humanamente?

—Minha senhora, chama-se Carolina Rosa, dos Santos Pereira, mora na rua Direita de Santo Antonio.

—Deve ter o coração muito perto da bocca, um genio muito rancoroso e irascivel, quem dá mostras de tanta barbaridade com uma creatura que ao menos por sua idade deveria merecer alguma indulgencia.

—Esperemos agora pelas providencias do subdelegado.

—Mandou fazer corpo de delicto e recolher a offendida á casa de Correccão.

—As carroças do Sr. Antonhinho da limpeza despejaram grande quantidade de areia e calça na praça dos Tamarindeiros.

Cahindo as chuvas, encharcaram aquillo tudo, e as patas dos cavallo dos cargueiros reduziram o logar á uma tremebunda lama-ceira.

—De maneira que o Sr. Antonhinho que tem obrigação de aeejar as ruas é o primeiro a emporechalhal-as!

Da-se homem mais renitente!

—Capitão, aqui está o *Instituto Academico*, periodico scientifico e litterario, redigido pe los Srs. Eutychio Soledade e Alfredo Pompilio.

—Mande agradecer a seus redactores a sua delicadeza.

—O jogo tem infectado toda cidade!

—E principalmente os quarteis.

—Não falle brincando, porque no quartel de policia, consta, nos quartos dos sargentos ha jogos todos os dias, precedendo esta *brincadeira* de cartões de convites para tal fim!

—E digam que a Bahia não vae em progresso!

—Capitão, si eu tiver meu escravo por quem mande deitar o eisco fora, sou obrigado a pagar 500 rs. ao empregario do lixo?

—Palavras ôcas, ouvidos moucos. E' favor não me perguntar absurdos.

—E como é que o Sr. Antonhinho da limpeza por meio de violencias empregadas por seus agentes, quer prohibir que quem pode, mande por seus escravos fazer o despejo do lixo, com a mira sem duvida nos 500 rs.?

—Tem seus conformes. Tal seja, o logar em que elles o vão botar.

—No proprio logar em que as carroças do aceio depositam.

Segunda feira a escrava de um Sr. Albino, caxeiro que foi de uma venda á rua da Misericordia, indo á mandado de seu senhor, fazer despejo de lixo no logar onde a empreza também faz, á Estrada Nova, foi presa pelos agentes do Sr. Antonhinho e mettida na Correccão.

—Isto é bem qualificado uma extorsão, é querer comprimir o povo a pagar uma taxa illegal.

—Não sci que costume incivil teem os Srs. officiaes de espancarem os soldados na rua com castigos contrarios á disciplina.

—Acho tão indecoroso!

—Commettem uma acção grosseira, uma descortezia ao publico, e aviltam sua classe.

—Mas alguns preferem passar por ignorantes dessas cousas, com tanto que se mostrem.

—Bofetada, nunca foi castigo para soldado.

—E' ignominoso e degradante.

—Entretanto, ainda no dia 28, eu vi o soldado João de Andrade ser atrozmente esmurado no meio da rua por um *alferes*.

—O qual nada soffreu?

—Ora dá-se!

Si o soldado tivesse alguma *cunha* que o apatrocinasse, pode ser.

—Capitão, sabbado á noite, tres policiaes conduziam preso a um individuo.

Na travessa entre a rua da Valla e a Baixa dos Sapateiros foram atacados por um grupo de turbulentos que ahi se achavam intrincheirados de pedras.

—E tomaram o preso?

—Si tomaram!

As pedradas foram tantas que os pobres soldados se viram obrigados a bater em retirada.

—A força publica quasi sempre commette faltas e desvios, arbitrios e insolencias; mas nada d'isso authorisa a ser desacatada e apedrejada.

—Porque com o mal não é que se repara o mal.

—No domingo foi a posse do vigario commendado da freguezia dos Mares.

—Assisti a esse acto.

A' noite algumas casas pela Calçada illuminaram-se.

—Illuminaram-se porque *alguem* andou de porta em porta a pedir, somente com o fim de fazer acinte ao digno vigario da Penha.

Andaram batalhões pelas ruas; mandaram para as immediações da casa do vigario refeito uma porção de foguetes que soltavam



de espaço em espaço, e isto durante todo o dia!

—Que desaforo! Como se insulta assim a um honrado e probo ministro da religião do Crucificado!...

—Como se insulta?

Peis V. Ex. não viu que foram envolvidos na commissão ficticia d'assembléa, dous ministros da religião christan; não viu a cilada por elles armada para obterem do seu digno prelado a sanção canonica da freguezia; não viu que ali já existia o trama de prejudicar ao honrado vigario?

—Quem é teu maior inimigo?

—O official do teu officio.

Mas, capitão, si não se tivesse envolvido n'esse trama *certo personagem*, que em lugar de ter um diploma de pessimo *curandeiro*, deveria ter um *freio* e uma *cangalha*, a cousa não tomaria esse andamento, e o nosso prelado não teria sido victima da cilada preparada nos corredores d'assembléa.

—Rapaz não se exalte, olhe a responsabilidade!.....

—Capitão, vou lhe contar uma extravagante scena que comigo se passou na praça do Conde d'Eu.

—Ora vejamos.

—Sahi na segunda feira á noite com um amigo em passeio; chegando na praça já referida, sentamo-nos debaixo de um pé de arvore, e conversavamos.

N'isto apresentou-se uma creoula com uma panella de arroz na cabeça!

Figurou me uma mulher de seus cincoenta a sessenta annos.

Aproximou-se de mim.

«*Ioyo Juvenio.*»

«—Não é elle, respondeu meu companheiro de passeio.

«—Meu senhorzinho, aqui estou eu, V não sabe a paixão que tenho por sua causa, meu ladrãozinho.»

«—A senhora está completamente enganada, eu não sou quem a senhora procura, observei-lhe.»

Ella olhou-me desde a cabeça até os pés. tirou-me o chapéu, reconheceu de facto o seu engano; mas ainda assim não deixou-me.

«—Ioyo, Vm. parece-se todo com ioyo Juvenio, meu senhor.»

«Ah! patife! dizer que me esperava aqui e me enganar, como si eu fosse alguma cousa ruim, eu que lhe tenho tanta amisade.

«Quería ser forra, porque no inferno que aquelle tractante estivesse, eu o iria buscar.

«Creia ioyo, que eu estou quasi praticando uma acção, de infedilidade á elle!

«—Não faça isso, disse o meu companheiro á estourar de riso, olhando para a cara da tal coruja, que disse chamar-se Anna e morar na rua da Lorangeira.»

«—Ioyo, meu senhorzinho, meu coração, meu bemsinho, vamos ali para o adro d'aquella egrejã (apontou para a igreja de S. Domingos), que eu faço com Vm. o mesmo que com elle faço, é n'um instante, não lhe custa nada!»

—E que horas eram?

—Onze horas para meia noite.

—Talvez fosse alguma alma do outro mundo que estivesse em penitencia.

—A principio eu suppuz assim, porque a mulher tinha o beijo inferior crescido admiravelmente.

—E como se descartou V. de semelhante *phantasma*?

—Ah! foi para mim um allivio quando vi que a mulher retirava-se e me deixava ficar em tranquillidade com o meu companheiro, que immediatamente nos retiramos.

—Eu só sei dizer é, que esta terra vae ás mil maravilhas!

## A PEDIDO

—Já não se falla mais na companhia do olho vivo em Brotas!

—E' signal que levantou acampamento.

—Engana-se, ella lá está. O que creio, é que não tem manobrado por falta de *chefe* ou *capitão*, que está doente, ao que parece.

—E como sabe disso?

—E' por que as gallinhas desde as Pitangueiras até o Matatú tem levado uma surra. Ha dias, levaram do José até uma choca com pintos, embora já taludinhos. Do Joaquim carregaram com algumas e da Luçinda levaram quasi todas.

—Eu, ha dias, li uma historia no *Alabama* com o *Boalis*, que realmente é a rapoza; salvo pequena excepção.

—Mas elle está tão magro..... coitado!

—Fie se na Virgem e não corra; lembre-se dos 25\$000 que elle quiz *trocár* em mão de um menino, do roubo da visinha d'elle e depois veja a *bella* cantando e...

—Quer um conselho? Vá ao capitão do *Alabama* e peça-lhe que mande metter a taca n'aquelle *phlytico* e uma calabrotada bem *bella* na dignissima collega, dada pelo muxingueiro.

—Não será isso que fará com que não comam gallinhas.

—Está bom, veremos.



—Capitão, não soube o que aconteceu, por ocasião do funeral da princeza Sra. D. Leopoldina?

—Não, diga o que houve.

—*Salú Rato*....

—Ora! não me falle mais desse animalejo.

—... foi ao funeral com a *bucolica*.

—Que tolo! Está procurando perdê-la....

—Bem segura que sempre anda ella, além das presilhas que tem.

—Continúe, sinão retiro-me, informe-me por alto do que aconteceu.

—O *Rato* foi ao funeral; e querendo entrar disse-lhe uma sentinella—« o Sr. não entra. » ao que retorquiu-lhe o *Rato*:—« não sabe que « sou imperial, presenteado pelo augusto pae « da serenissima princeza, trazendo no peito « a sua effigie? » E apontou para a *bucolica*.

Não entra, repetiu a sentinella.

« E demais, tornou o *Rato*, estou decentemente vestido, embora de sobre, guardando a casaca, para quando o pae vier, que saberá que eu conservo a *bucolica*. »

E a sentinella dizia-lhe só—*não entra*.

Até que um official compadecido o mandou entrar e elle entrou.

—Coitado, faz pena! *Salú Rato* breve váe para a casa de Oratis.

—Uma carta particular da côrte diz que fallava-se na criação de um novo bispado e que era para elle indigitado o Sr. vigario Telles.

—Consta que será nomeado presidente de Goyaz o Sr. Antonio Vicente Costa, cujo genio administrativo ha de por certo felicitar aquelle povo.

### Novidade!!!

#### I

Quem quizer andar contente  
metta-se em tempo na *brocha*;  
que é *pulha* a causa da *mecha*,  
que é *mecha* a *pulha* que *arrocha*.

Nestes nossos bellos tempos  
em que tudo o povo atocha,  
necessario é que vejamos  
a cousa que mais *arrocha*.

Ella, se estica, arrebenta;  
mas se encolhe, não, *acocha*  
viva a cousa que afrouxando,  
do povo o bolso inda *arrocha*.

#### II

Foi tudo assim! um borracho  
em sonhos gera a *borracha*,  
e a mostra, que ora encolhe,  
que ora estica, mas a encaixa.

E a gente que tudo gosta  
muito bello a cousa acha,  
mas vê que deixando a *mecha*,  
com gosto já se *emborracha*.

E pula bem satisfeito,  
dando pinotes ao ar,  
dando vivas a *borracha*  
que ha de em *borracha* *fartar*.

Sim, que ha de ficar um dia,  
o que dá-lhe *acceza a tocha*,  
já sem o *furo da mecha*,  
só em *borracha do Rocha*.

O Parafuso. Olé.

—Adverte-se ao portugua Sampaio, que considere no seu estado de casado e deixe de andar seduzindo moças que estão socegadas, promettendo de ficar com ellas; como á pouco praticou com aquella moça do caminho d'A-rei, cuja avó foi a propria alcoviteira, a qual concorreu para que a incauta moça esteja hoje fazendo charidades.

Deixe-se pois o tal Sampaio de propagar a corrupção e a perdição, porque ainda pode ter o merecido castigo e... quem com ferro fere com ferro será ferido.

## VARIÉDADES.

### Distracções.

Newton nasceu em Inglaterra, e foi um dos mais celebres mathematicos que o mundo ha visto; era no emtanto sujeito a *distracções* muito frequentes, e sobretudo quando estava occupado com a solução de um problema difficil. Então elle fechava-se em seu gabinete, onde ficava, algumas vezes todo o dia, sem mesmo acompanhar á meza sua familia nas horas da comida. Uma manhan, sua criada grave, envia uma servente para lhe pedir de vir almoçar, ao que lhe respondeu que não tinha tempo de fazel-o. Então M<sup>me</sup> S. (a criada grave,) envia a servente com um ovo e uma cassarola. Ella depositou o ovo sobre a meza e collocou a cassarola perto do fogo, dizendo a Mr. Newton que era necessario ferver o ovo por trez minutos. Pouco depois ella volta ao gabinete, e acha seu amo em frente ao fogão com o ovo em uma mão, a cassarola ao fogo, e dentro o relógio de Mr. Newton, que elle por *distracção* tinha posto em lugar do ovo.

## ANNUNCIOS.

Na venda defronte do Pelourinho n. 4,  
compram-se constantemente jornaes para em-  
brulho.

Typ. de Marques, Aristides e C.



# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 79.ª

DOMINGO 7 DE MAIO.

N. 785—786.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS.—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 6 de maio de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para o inqualificavel desaforo de certo estrangeiro, possuidor de um grande e *aãestrado* cão da Terra Nova, o qual estrangeiro, costuma andar á noite, pelo Campo Grande, nas immediações do Hotel Suisso, chamando mulheres e por meio de avantajadas quantias pretende subornal-as a prestarem-se ao mais degradante e abjecto commercio; quando essas negam-se á aviltante proposta, quer elle agarral-as e forçal-as a deixarem-se servir de pasto aos instinctos brutaes de seu animal. Espera-se que S. S. magistrado integro e severo como é, procurando saber quem é tal estrangeiro, no que não terá muita difficuldade, porque o caso é notorio e a muitas mulheres tem elle se dirigido, o mande ir á sua presença e lhe faça ver que si na Europa por desmoralisada, ha mulheres contaminadas pelo canero roedor do vicio que alugam o corpo a tão hedionda acção, as brasileiras não se prestam a tão ignominioso trafico.

—Abandonaram uma creança no largo de Nazereth.

—Amanhaceu esquecida no campo terça feira.

—Ah, ja sabe? Então não é preciso que eu diga mais.

—Uma creança de mais de um anno de idade que alguma mãe desnaturada, dessas, talvez, enlaçal-as loucamente aos braços do vicio, alli atirou sem piedade, sem commiseração.

—Bafejada aos effluvios impuros da mais degradante corrupção, louca e repleta de satanicos desvarios, vae esta sociedade em que vivemos, trilhando a senda de todos os crimes e vicios!

—Boa graça tem os Srs.!

Influirem este moço, que nem pensa, nem sabe o perigo á que se expõe, porque é louco, á largar-se por este despenhadeiro á baixo, ás carreiras, para ir encher quartinhas d'agoa, tres, quatro vezes!

Isto é um divertimento estúpido.

Si o moço precipitar-se no dique, quem será a causa dessa desgraça, sinão Vms.?

—Capitão, elle vae porque quer mostrar que o grande *patuà* que traz no pescoço o preserva de qualquer catastrophe.

—Boa escapatoria!

Vms. não sabem que o homem não tem juizo?

E para que malignamente lhe atiram esse chuvaire de pedras quando elle desce e sobe?

Para saborear um futil regosijo, não reflectem que podem motivar um desastre lamentavel!

Deixe estar que hei de mandar communicar ao major Marinho que tenha cautella com seu filho demente, Cosme, que vem aqui para esta ladeira expor-se a um acontecimento funesto, induzido por alguns rapazes tão sem juizo como elle.

—Tem um procedimento inqualificavel este caixeiro dos *bonds* dos Trilhos Urbanos.

—Qual é delles?

—Aquelle de barbas ruivas. Entende que deve dirigir suas graças e acenos amorosos á todas as moças aqui pela rua de Baixo.

—E no entanto aquelle moço é casado.

—Pois não parece, porque aquillo não é maneira porque proceda um homem casado, como V. diz que elle é!...

—E' rapaz, quer se divertir.

—Pois eu espero que elle não continue com este divertimento.

—Na quinta feira pelas 6 horas da manha foi encontrado um moço de nome José Domingues Soares d'Oliveira Junior, filho do Sr. José Domingues, que tem loja de calçado no Duarte, atado com cordas a um tronco de



pitangueira, nos fundos de uma roça que vae ter do becco da rua Nova de S. Bento ao Castanheda, por um cabo de policia.

Esse moço estava amordaçado com um lenço e uma rolha.

Sendo levado ao quartel de policia e depois á secretaria, foi minuciosamente interrogado e declarou o seguinte:

«Que tendo dirigido-se ás 2 horas da tarde do dia quarta-feira ao armazem Moreno, afim de receber a quantia de 2:000\$ rs; entregara-lhe aquelle negociante 200\$ rs. em dinheiro e uma ordem de 1:800\$ rs, para receber em casa do Sr. Justino José Fernandes & Irmão.

Ora, embolsado d'essa quantia, ao sair encontrou-se com um individuo branco, de bigodes pretos, que lhe era completamente desconhecido, e perguntou-lhe se lhe podia trocar a quantia de 50\$ rs, elle lhe respondeu negativamente, notando porém que o individuo sempre o acompanhava, si bem que em alguma distancia.

Chegando ao largo do Theatro o individuo apressou os passos, e approximando se d'elle perguntou-lhe se queria comprar um diamante.

D'ahi, subindo a ladeira de S. Bento, teve uma *revolução* na barriga e dirigiu-se para o logar acima referido, onde foi acommettido, pelo mencionado individuo e mais um crioulo que o amordaçaram, recebendo d'aquelle diversos ferimentos feitos á ponta de faca; porém mesmo na luta conseguiu tirar do bolso do palitot a quantia de 1:700\$ rs, que estava enrolada em um lenço, e atiral-a para dentro do mato, e que depois foi achada, sem que os ladrões podessem ver, roubando-lhe apenas 300\$ rs. que estavam dentro do bolso da calça.

O ladrão conservou-se junto d'elle até meia noite, hora em que fez-lhe aspirar um cheiro que estava impregnado n'um algodão!»

— Isto está me parecendo que não passa de uma *presepada* arranjada de ante-mão.

— Não sei, compete a policia descobrir o fundo de verdade ahi existente.

— Capitão, o frade é tanto homem como outro qualquer membro da communhão social.

— Morreu o Neves.

— Tem os mesmos desejos, as mesmas necessidades, sente as mesmas privações, o coração palpita-lhe da mesma sorte.

— Não adiantou um ceutil.

— Segregando-se do mundo, nem por isso, é sempre que o fogo das paixões se amortecem, no enclaustramento á que se vota, muitas vezes por calculo, outras por interesse e pou-

cas por vocação, conserva intacta a faculdade dos sentidos corporaes, algum dos quaes, mesmo pelo isolamento se desenvolve com mais intenso ardor.

— A que conclusão quer chegar?

— Quero dizer que o frade procurando uma mulher, obra mal, mas pode se desculpar pela fraqueza da natureza. O voto de castidade é uma banalidade, porque os labios o pronunciam sem consciencia do que dizem; é uma restricção á que o homem se impõe superior á suas forças e que portanto é impotente para cumpril-a e observal-a.

— Tem razão o voto de castidade clerical e o juramento do soldado, são uma mentira — porque são arrancados com constrangimento da consciencia.

— Mas o frade que procura uma mulher deve fazel o com todo resguardo, de maneira a não dar escandalo, respeitando o seu estado, suas vestes e a religião de que é ministro. Não é para entrar publicamente em casas de meretrizes e ahi passar tardes inteiras no deboche, na orgia, no meio de panellas e linguigas, de bananas e quiabos.

— Mas ha quem faça disso?

— Ha.

— A' que ordem pertence esse relapso?

— Por S. *Francisco*, não seja tão insoffrido.

E' um frade alto, magro feiarrão, que um dia sim, um dia não, por volta de uma hora da tarde, entra em casa de uma prostituta, em uma das ruas mas publicas desta cidade e de lá sahe depois das cinco; come, bebe, pagodeia, e sahe descaradamente á vista da immensidade de familias que á semelhates horas estão pelas janellas.

— Ora que frade devasso, meu bom Santo Antonio.

— *Salú Rato*, levou muitas caçetadas na quinta-feira á noite, dadas por um crioulo.

— Coitado! Pelo simples motivo do pobre diabo andar se dando a petisco não merecia que lhe fossem ao pello.

— E depois esses meios violentos são sempre reprovados.

— Veja o que é a policia armada nesta terra:

O policial Manuel Nonato, cego de um olho, frequenta o sobrado n.º 30 Atraz da Sé, por causa da mulata Sebastiana.

Sebastiana encomendou a factura de um cabide a Luiz Gonzaga, o qual na quinta-feira ás 8 horas da noite, foi lhe dar parte que a obra estava prompta.

Manuel Nonato *suspeitou outra cousa* e ciomou; houve trocas de palavras, altercações e



razões de parte a parte; afinal accommodaram-se com a retirada de Luiz Gonzaga.

Manoel Nonato vestiu-se, foi chamar a patrulha e mandou prender a Gonzaga que se achava á uma hora segura conversando na rua do Bacalhau em uma casa. A patrulha a principio manifestou escrupulo, mas por fim por espirito de colleguismo, resolveu-se a satisfazer os caprichos do companheiro; prendeu o homem e levou-o quasi a rastros para a Correccão.

—Está direito! a policia deve servir mesmo para desabafo de ciumes.

—Meu çharo, espere um pouco.

O seu *pedido* fica adiado por hoje.

Na primeira occasião porém em que o navio sahir a crusar aborçará o cutter *Amado*, como pede.

Acho *justo*? Fica satisfeito?

—Em additamento ao que disse V. Ex. no n.º 783 de 30 de abril, á cerca das casas capazes de desenvolver uma epidemia, é preciso mencionar a ladeira dos Afflictos, freguezia da Victoria, onde ha quintaes que encerram pudriqueiras occasionadas por enormes cloacas, animaes de toda especie em putrefacção inclusive suino, os quaes desenvolvem miasmas capazes de infeccionar a mais pura localidade; entretanto consta que sobre tal assumpto ha terminantes ordens, no sentido de examinar se e remover-se taes focos de infecção; e as respectivas authoridades são a tudo indifferentes! Pela ladeira do Gabriel, dizem as pessoas que usam de banhos salgados, que não se pode vezes transitar, parecendo que essa localidade não está comprehendida na limpeza da cidade.

—Infeliz Bahia, que só despente e nada lucra!! Os amaveis fiscaes, esses, parecem só occupados nas providencias dos açougues, porque de mais nada cuidam!

—Capitão, uma noticia contristadora.

—Mau!

—Quinta-feira pelas quatro horas da tarde atirou-se do 1.º andar do sobrado n.º 14, ás Portas do Carmo, uma senhora de maior idade.

—E' um caso que deve lastimar-se qualquer que seja o motivo que a isso a levasse.

—Consta que fôra um accesso de loucura repentina.

—A morada do cidadão não é mais um asylo sagrado e inviolavel á noite.

O recondito do lar domestico é violentamente devassado pelos malsins da policia.

—O que hade novo, meu propugnador dos direitos individuaes?

—Na quatar-feira pelas 10 horas da noite foi violentada a morada do cidadão Augusto José Chaves, morador ao becco do Seixas, por soldados de policia, os quaes entraram até a cosinha em procura de um homem a quem queriam prender.

Com effeito encontraram no e espancaram-no brutalmente.

—Não admira que soldados de policia calquem assim a lei quando estão habituados a ver as authoridade impunemente a cada passo.

—Na noite de 4 do corrente foi preso na loja n.º 6, á rua d'Ajuda, o portuguez Antonio Tavares Silva Godinho, com loja de ferragens á cidade baixa e a menor Clara Lazaro Porto que o mesmo raptara da casa materna e levava para um quarto que na referida loja tinha alugado.

—Esse homem não é casado?

—E'.

—Oh! oh! e aluga quartos na rua....?

—Juvenca Amalia Velloso Marques, locatária da loja e quem lhe sublocou o quarto, declarou que Clara não era a primeira moça que alli apparecia. Que o Sr. Godinho levava para o quarto que lhe alugou rapariguinhas com quem estava seis, oito dias e depois despedia.

—Isto cheira a crime de adulterio, a infidelidade matrimonial.

—Por sua parte, o Sr. Godinho declarou que namorava a tal menor e *gostava* della, que á seu pedido a raptou e mandou levar para a já mencionada loja em uma cadeira; que teve relações libidinosas com ella e não a encontrando no estado de virgindade, como esperava, exasperou-se e exprobrou-lhe o haver-o *vilmente* enganado. O exame medico-legal porém está em contrariedade com o Sr. Godinho, porque affirmara que houve desfloramento recentissimo.

Disse mais o Sr. Godinho que acto continuo a copula, não encontrando Clara no estado de pūreza virginal que suppunha, chamou a dona da casa, para ver a maneira por que tinha sido atraçoado e que esta tudo presenciou; Clara porém diz que o seu raptor tivera a *prevenção cautellosa* de tirar não só a roupa da cama, como de fazel-a despir-se, engenhosa lembrança para inutilisar qualquer vestigio que o crime podesse deixar e que quando elle lhe accusava em presença da dona da casa, impedia-lhe que fallasse e se defendesse, o que foi confirmado pela mesma.

—Como é hediondo tudo isto!

—Pela dona da casa foi mostrado um



lençol no qual estavam impressas manchas mais antigas, declarando porem *que a verdade devia se dizer, que aquelle sangue fóra de caso mais antigo que o de Clara.*

—Não me conte mais isso que horrorisa.

—O subdelegado interrogou o preso, a menor, a dona da casa e mais pessoas da mesma, e fez recolher o delinquente ao quartel de policia por gozar de prerogativas.

—Esta terra retemperou-se na hediondez do vicio.

Os homens morigerados, os caracteres sisudos, os paes de familia devem tremer espavoridos ante tamanha sede de defloramentos.

—E a lei deve ser inexoravel com os seductores.

—Homens a quem a fortuna bafejou suas auras, empregam o ouro, fructo muitas vezes quem sabe de que? . . . na propaganda da corrupção e da prostituição!

—Quem passando por uma rua, olhando para uma casa, muita vez de triste apparencia, pensará que alli dentro, em um quarto, está erguido um templo á crapula, onde se desfolham capellas virginaes, ás dezenas, onde abutres da honra, hypocritamente passando no labyrintho do mundo por honrados, honestos e até beneficentes, vão devorar a candidez virginal de innumeradas donzellas?

—Si a policia tivesse uma estatistica, saberia onde existem esses alcouces.

—Sim; é preciso acabar com esses prostibulos, com essas casas adaptadas para fins libidinosos, com esse commercio mercenario da honestidade.

—E nós que começamos a tratar do rapto feito pelo Sr. Godinho, e sem assumptar mos fomos cahir em divagações alheias ao facto primordial?

—Então basta de secca.

—Um caixeiro dos *bonds* da companhia de Vehiculos, de nome Jesuino, em uma das viagens que fez na sexta feira do Bomfim para a cidade, machucou um pé, ficando este disformemente inchado.

—Tudo isto acontece pela facilidade com que os caixeiros d'aquella companhia entendem pular dos *bonds* em viagem.

—O menor Pedro, cujos paes moram na Estrada Nova, entrou em casa de uma Sra. D. Virgina, á travessa da Ordem Terceira e bifou algumas colheres de prata, que foi vendel-as ao Taboão. Declarou depois que o ourives que as comprara lhe dissera que *aquillo era chumbo e se viria muito bem para solda, que quando tivesse mais levasse, ou mesmo algum objecto de latão, dando-lhe uma quantia in-*

significante, com que elle comprou uns soccos e uma gaita de folles.

Procurando-se o referido ourives, impoz elle que entregaria as colheres subtrahidas, exigindo não a quantia que dera ao menino, mais o valor real das colheres.

—Na minha opinião, si é exacto, o tal ourives tem uma boa recommendação para ir arejar algum tempo na correccão.

—Quarta-feira na egreja cathedral S. Ex. Revma. celebrará missa a S. Francisco Xavier e benzerá a Veneranda Imagem.

Às 4 horas da tarde sahirá a mesma em procissão; havendo sermão no acto do recolhimento.

—Na epocha da cholera, todos corriam aos templos e recorriam a intercessão dos bemaventurados da corte do ceu, especialmente a S. Francisco Xavier, implorando a cessação do flagello, que devastava a cidade.

Concorra agora o povo; para não dar mostras de que so na hora do perigo implora ao Altissimo e recorre a intercessão dos seres privilegiados.

## A PEDIDO

—Nesta terra onde a policia é tão frouxa com os larapios, nada admiraria que elles levassem o temerario arrojo a, em pleno dia, amarrar e amordaçar um homem.

—Faz receiar até cousa peor.

—O Sr. José Domingues Soares de Oliveira Junior, porém, que na quinta feira amanheceu na travessa do Castanbada nesse estado de violencia, com algumas arranhadelas pelo corpo, deu na secretaria da policia respostas tão contradictorias, que fazem duvidar da verosimilhança do facto.

Emfim como nesta terra.

So me resta ver agora  
para traz correr um rio;  
arder vela sem pavio,  
a lua tomar tabaco,  
e o sol tremer de frio,

Tudo pode ser, sem ser milagro.

—Eu si me chamasse Soares mudava de nome; quem sabe si não é sina dos Soares serem amordaçados?

Pede-se ao Sr. subdelegado da freguezia de Sant'Anna d'Aldeia que com urgencia faça desaparecer pela policia disfarçada dessa parochia os authores de certos pasquins insultuosos, que abi apparecem em manuscripto; além disso, roga-se que o castigo para



os pasquinciros assalariados seja de mil e tantas calabrotadas no porão do *Alabama*.

O Chico fino não é um valentão!! quer dar em todos que olham para elle, capitão. V. já viu uma formiga fazer frente a um leão foi o que aconteceu ao tal camello; querendo dar em um menino este fez-lhe frente e o camello acobardou-se como um burro!, Meu Chico fino, toma sentido no barco sinão elle vira.  
O corqueija.

**Pedido amigavel.**

Amelia d'Andrade, actriz do theatro, pede a Exma. Sra. D. Mimoza da Silva Augusta Rachel o favor de lhe pagar um camarote de 2ª. ordem e uma cadeira que fez o favor de tomar para passar, visto já a annunciante ter lhe feito presente de uma 1ª. ordem e 4 plateias por seus favores prestados.

—Sr. W. são dez paus. Procure o Ludovico na lojinha de charutos atraz da Sé, esquina que deita para o Aljube.

*Pinto?*

—Capitão, no seu jornal li uma pergunta feita por um accionista da Reserva Mercantil, relativamente a compra de uma casa por conta do estabelecimento, custo de cuja casa orça por cem contos. Acho que o accionista está mal informado—1.º Porque a direcção não se acha authorisada pelos estatutos, e nem convocou a assembléa geral ao menos para com ella repartir o arbitrio.

A nobre direcção é prudente, não duvido que tentasse fazer a compra, mas que a vista do calculo recuasse, os cem contos empregados em tal casa por certo que não renderão mais de 3:800\$ ao anno, como mostrarei. A nobre, prudente, é perspicaz direcção não deslocaria em quadra anormal como a actual 100 contos de réis do pobre capital social, para render 3:800\$ quando podia render 12 %.

Sei que a nobre e prudente direcção é responsável por grandes valores que estão confiados ao estabelecimento, e que estes na casa em que está não offerece os commodos que são para desejar-se, porém tambem sei que si a nobre direcção julgasse preciso acautellar a ainda mais os valores que estão sobre sua guarda, seguiria o exemplo da intelligente direcção da sociedade Commercio, que apesar de seu grande capital social, e valores em deposito, ainda não comprou casa; no entretanto que tem tudo optimamente acautellado, e só paga cerca 1:800\$ annual.

Vejamos o onus com que ficaria o estabe-

lecimento caso comprasse a casa e occupasse pavimento terreo.

Os 100 contos empregdos em boas letras— minimo 8 % . . . . . 8:000\$

Abate se rendimentos dos altos da casa:

1º. andar	1200\$	
2º. »	800\$	
3º. »	600\$	
4º. »	400\$	3:000\$
		-----
		5:000\$

Seguro	400\$	
Concerto por anno	200\$	
Decima de mão morta	1:000\$	1:600\$
		-----
		6:600\$

Aluguel que o estabelecimento pagaria em outra casa 2:000\$

Excesso de despeza 4:600\$

O quanto renderia a casa, caso o estabelecimento não a occupasse.

Pavimento terreo	2:400\$	
1º. andar	1:200\$	
2º. »	800\$	
3º. »	600\$	
4º. »	400\$	
		-----
		5:400\$

Abate-se decima de mão morta	1:000\$	
Seguro e concertos	600\$	1:600\$
		-----
		Rs. 3:800\$

Que regula a 3.8 % ao anno nos 100 contos. Conversando com um amigo a tal respeito, elle me disse:— a direcção faria muito bem si comprasse a casa, porque quem sustenta taes contas de deposito é preciso ter capitaes parados.

E' verdade, respondi-lhe, porem é em dinheiro dentro do cofre para occorrer de prompto ás necessidades, do contrario seria melhor comprar appolices.

O amigo tambem ponderou que a casa representaria o fundo de reserva. Respondi-lhe que o fundo de reserva apenas tinha cerca de 20 contos de rs.

Por tanto estou convencido que se ha compra de tal casa por certo que não é para o estabelecimento. Si por engano de apreciação a direcção tal fizesse, por certo que os nobres examinadores de contas não deixariam effectuar-se tal compra.



Tenho inteira confiança na actual direcção que sem duvida é composta de homens ricos, intelligentes, economicos, e independentes.

*Um accionista.*

## VARIÉDADES.

Em uma inundação do Adige, as arcadas da ponte de Verona foram arrebatadas uma apoz a outra. Só restava a do centro sobre a qual havia uma casa habitada por uma familia inteira. Via-se da margem esta familia desolada estender as mãos implorando soccorro. Entretanto a corrente destruia á vista d'olhos os pilares da arcada. Neste extremo perigo o conde Spolvérini offerece uma bolsa de cem luizes ao que tiver a coragem de ir em um batel salvar esses desgraçados. Corria-se risco de ser levado pelo rio, ou de ver chegando abaixo da casa, esboroar-se sobre si a arcada arruinada. Era immenso o concurso do povo, e ninguem se apresentava. Neste momento passava um joven aldeão; fazem-lhe ver qual é a empreza proposta, e qual o premio do bom exito. Entra em um batel, alcança á força de remo o meio do rio, chega, espera embaixo da base da arcada que toda a familia, pai, mãe, filhos, velhos, escorregando ao longo de uma corda, desçam ao batel. Coragem, diz elle, ei-vos salvos. Rema, vence a furia das aguas, e chega á margem. Quer o conde dar-lhe, a promettida recompensa. « Não vendo a minha vida, torna-lhe o aldeão; o meu trabalho é sufficiente para sustentar-me, a mim, minha mulher, e filhos; dae isso a esta pobre familia, que precisa mais do que eu. »

### Os primos.

Só ha uma cousa peor do que as sogras; são os primos.

Digo isto com a maior sinceridade, apezar de ser filho de meu pai e sobrinho de meu tio, a quem minha tia mimoseou com meia duzia de bonitas pequenas.

Mas o que é um primo?

Um primo... é um primo, nem mais, nem menos.

*Opium facit dormire, quia habet virtutem dormitivam.*

Bem, já que não posso definil-o, tentarei ao menos explical-o.

O primo é um animal ante-diluviano.

A excepção de Adão, que não consta que tivesse tios, todos os patriarchas deviam ter soffrido as ferroadas dessa insupportavel vespa.

A chronica dessas ferroadas não chegou até nós; porque Moysés se tinha primos, não os conheceu.

Em compensação conheci eu um individuo que deixou de casar uma bôa duzia de vezes com donzellas da sua maior paixão, porque, á ultima hora, teve sempre a desgraça de saber que qualquer dellas tinha pelo menos vinte primos conhecidos, afóra os desconhecidos, que podessem apparecer; pois que os primos são como os cogumelos e os poetas-tros: surgem com os mais pequenos aguaceiros com que o cen se digna humedecer a terra.

Voltando, porém ao assumpto qual é ali o rapaz que na sua vida não tenha coberto de maldições um primo impertinente, como todos os primos, que lhe surge nas mais sublimes occasiões por detraz da *stella adorata*, mais medonho e carrancudo que a cabeça de Meduza?

Appareça esse homem feliz, e reparta com o leitor as doçuras de sua privilegiada sorte.

— « Senhora, grita um marido enfurecido, que sujeito é este que a visita sempre na minha ausencia? »

— « Tonto! Não sabes que é meu primo *Bébé*? »

— « Anastacio; apresento-te meu primo. Chegou do Paraguay. »

— « Mas nunca me disseste que tinhas ainda mais este. . . . . »

— « Si elles são tantos! »

— « Menina, quem lhe deu este anel de cabellos? »

— Foi Zuza, meu pai, seu sobrinho e meu primo. »

Que horrivel pilula é um primo!

Um marido, um pai, um amante tomariam com muito mais facilidade um purgante de mamona ou um vomitorio de tartaro do que supportam a presença de um primo de sua mulher, de sua filha, ou de sua amante.

A historia dos primos é mais escura do que os mysterios da *Torre de Nesle* ou a existencia dos morcêgos.

Houve um dia, dous primos sublimes; Romeo e Julieta, unicos que toem impedido o levantamento de uma crusada universal contra a raça perniciosa dos filhos de nossos tios.

E ainda para que este milagre se operasse de haver dous primos sympaticos ao genero humano, foi necessario que o tragico inglez nol-os apresentasse illuminadores por um raio argenteo da lua do céu azul da Italia.

A especie humana degenera á olhos vistos.

Perguntae a causa aos physiologistas, e elles vos dirão que são os primos, opposicionistas do cruzamento das raças, tanto mais temiveis que os do nosso parlamento, quanto fallam menos, mas obram mais do que estes.

Esta questão do crusamento das raças é



materia espinhosa para um escriptor moralizado.

Remetto os leitores para Balzac ou Camillo Castello Branco, em qualquer d'estes roman-cistas encontrarão pelo menos dous primos como todos os mais do nosso conhecimento.

Eu tambem podia contar aqui algumas historias á proposito de uns primos e outras tantas primas, que não se jactam de excepção á regra commum, mas tenho medo de incorrer no desagrado das minhas parentas d'este grau.

Afinal, os tempos não são mais de um homem se deixar morrer por amor de uma verdade, quando o genero humano produz n'um dia só tantas mentiras.

Um primo pode ser a gloria da familia, porém hade ser sempre o terror do tio e das pessoas affectas ás filhas d'estes.

Por ora contento-me em dar um conselho, que é a obra prima de uma longa cogitação.

Tenho mais fé na efficacia do meu conselho para salvaterio da ordem social do que o senhor de Bismark nas espinguardas d'agulha ou no canhão Krupp.

Elle ahi vai, expresso com laconismo das leis das XII Taboas:

« Primas, não vos fieis em vossos primos! »  
(Do *Liberal do Pará*.)

### Ahi ha cousa!

CANTIGA POPULAR.

Anda o povo sempre as tontas  
Nos taes negocios de Estado,  
Aturdido e emmaranhado  
Nem entende a governança:  
De ninguem recebe contas,  
Quando em cima ha contra-dança  
E vive patau logrado.

Alerta povo miudo!  
Não sejas Manuel-de-Souza;  
Attenta bem nisso tudo:  
Ahi ha couza!

Quem tenha mais defensores  
Do que o povo, nunca vi:  
Mas aposto já d'aqui,  
Que dos taes a maioria  
E' desses procuradores,  
De quem Bocage dizia  
Que procuram para si.  
Alerta povo miudo!  
Não sejas, etc.

Fallam muito em liberdade  
E em pacto fundamental;  
Mas p'ra o povo é só real  
A lei do recrutamento,  
Da policia a potestade;  
E o captiveiro e tormento

Da guarda nacional.

Alerta povo miudo!  
Não sejas, etc.

Mal se annuncia eleição,  
Logo o pavão se faz gralha,  
Move pedra, pau e palha,  
Faz aos plebeus cortezia;  
Mas, acabada a funcção,  
Se enteza na fidalguia  
E chama o povo—canalha!...

Alerta, povo miudo  
Não sejas, etc.

Na camara Fuão de tal,  
Ex-liberal exaltado,  
Apparece transformado  
Em regressista Caim:  
E faz se, em mudança igual,  
Do policia um beleguim,  
Republicano enfezado!...

Alerta, povo miudo!  
Não sejas, etc.

De um ministro o vencimento  
Pouco sobra á traquitana,  
E aos gastos de uma semana  
O lucro mensal não basta;  
E ha homens de entendimento  
Que a desejar uma pasta  
São macacos por banana.

Alerta, povo miudo!  
Não sejas, etc.

Ha tal subir e cahir  
De ministerios na historia,  
Que já tornou-se irrisoria  
A idea do grande abalo,  
E faz mesmo a gente rir,  
Vendo ahi tanto cavallo  
De estadista com vangloria.

Alerta, povo miudo!  
Não sejas, etc.

Sóbe um sem saber que faz,  
E cahe sem saber que fez,  
E p'ra subir outra vez  
Em *feruet opus* damnado  
Cada qual dá sóta e az,  
E é sempre o povo coitado,  
Quem paga todo o entremez.

Alerta, povo miudo!  
Não sejas, etc.

Que ha governo pessoal  
Dizem em brado altaneiro  
Os que não 'stão no poleiro,  
E que os mini-tros n'um ralo  
Vivem pela acção fatal;  
Mas se não houver cavallo,  
Não haverá cavalleiro.

Alerta, povo miudo!  
Não sejas, etc.



Os estadistas mesquinhos  
Que, vencendo em guerra atroz,  
Do poder colhem os prós  
Para dizer mando e posso  
E arranjar seus sobrinhos,  
São taes que do padre nosso  
Sabem só o vênha a nós.

Alerta, povo miudo!  
Não sejas, etc.

Taes ministros são miasmas,  
Derramam a corrupção,  
E os que sem ter na nação  
Apoio, o poder agarram,  
São uns ministros phantasmas,  
Que entram, sahem, se esbarram,  
Como aves de arribação.

Alerta, povo miudo!  
Não sejas, etc.

Povo! estuda a nossa gente,  
Vê quem zele a gloria tua,  
E quem, nobre, não pactúa  
Com politica embusteira:  
A esses apoia ingente,  
E a sucia vil, garimpeira  
Deves mandar a tabúa.

Alerta, povo miudo!  
Não sejas Manoel-de-Souza;  
Attenta bem nisto tudo,  
Ahi ha couza!

### Processo celebre.

SUPPLICIO INQUISITORIAL.

*Homem queimado vivo.—Julgamentos dos criminosos.—Quatro condemnados a morte.*

A 16 de agosto ultimo, estando já encarniçadamente travada a guerra que devastou a França e arruinou a Allemanha, praticou-se um espantoso crime na aldeia de Hautefaye, em França. Alam de Moneys, moço de 30 annos, filho de uma familia nobre, mas professando as idéas mais avançadas, foi por causa d'ellas perseguido pela populaça na feira do povoado, cruelmente martyrisado, e por fim submettido á mais horrivel das mortes. Primeiro espancaram-no, depois fizeram-lhe toda a sorte de injurias e ferimentos, tendo o cuidado de não o matar de repente para o fazerem padecer mais.

Mazières e Buisson, dous dos infames, diziam:

«Firámos com peso e medida para saborearmos por mais tempo o seu supplicio.» Outros muitos porfiavam em tornar-lhe mais odioso o padecer. Chegaram até a obrigar-o a comer palha n'uma manjedoura, dizendolhe: «Tomaste café em bellas salas encerradas. Bebe agoa ahi.» «Não me suppliciem, clamava elle, fuzilem-me antes» Os cannibaes

não quizeram attendel-o e os tratos continuaram. Foi preparada uma fogueira e lançada n'ella a victima.

Presidia ao supplicio um ferrador de Pouvrières chamado Chambord. Um rapaz chamado Campot dançava e tripudiava ao redor; seu pae estava entre os algozes; Limay e Delage accendiam o lume; Lamongie aticava a fogueira; Besse exclamava: «E' pena que tanta gordura se perca.» um tal Sarlat, que tinha seu pae e um irmão a seu lado, concluia: «O governo deve indemnisar-nos, porque estamos assando um famoso porco.» Caiu o imperio de Napoleão e as auctoridades do governo da defeza nacional apressaram o julgamento d'estes cannibaes. Foi a 21 d'este mez que se julgou o crime no tribunal de Assises de La Dordogne. O tribunal condemnou Chambord, Buisson, Leonard e Mazières á pena ultima, que deve ser executada na praça publica de Hautefaye. Campot, filho, a trabalhos por toda a vida. Seu pae a 8 annos da pena. Besse a 6. Lechelle, Fredirie, Zamongie, Sarlat, Morguet e Beauvet a 5 annos. O pae de Sarlat a 5 de prisão. Brut, Bruillet, Feytu, Licoine e outro irmão de Sarlat a 1 anno. Delage e Limay, menores, foram absolvidos.

## ANNUNCIOS.

**Consistorio da Irmandade de S. Benedito, erecto no convento dos religiosos franciscanos, na Bahia, 3 de maio de 1871.**

Tendo-se de dar posse á nova meza administrativa d'esta irmandade no domingo 7 do presente mez, vou por ordem da meza actual, convidar os nossos irmãos e irmans e mais devotos para assistencia do acto de posse que terá logar as oito e meia horas da manhan do indicado dia em cuja occasião se fará distribuir os diplomas, novamente preparados, dos Srs. irmãos que o quizerem substituir pelos seus cadernos, descarregando seus annuaes. — Manuel Francisco do Carmo, procurador geral.

Vende-se a venda n.º 133 no largo d'Agoa de Meninos e tracta-se no caes dourado n.º 71.

Na venda n. 2 á Palma, ha para vender diversos livros, de latim, inglez e francez.

### DECLARAÇÃO.

**Acha-se encarregado da cobrança das assignaturas deste periodico, na freguezia de Santo Antonio, o Sr. Leoncio Plinio de Souza Argollo.**

Typ. de Marques, Aristides e C.



# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 79.<sup>a</sup>

QUINTA FEIRA 11 DE MAIO.

Ns. 787--788.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 10 de maio de 1871.

Officio a Illma. camara municipal da villa de Itaparica, lembrando-lhe a conveniencia de legislar uma postura extinguindo as caieiras dentro do circuito da demarcação urbana, como nocivas, incommodativas e prejudiciaes a população:

—Passa um homem desta vida n'um momento, como o subtil pó, que um leve sopro dissipa n'um instante.

—E o que é o homem sinão pó e nada?

—Conheci um rapaz de nome Cosme, cuja existencia no sabbado era forte e vigorosa. Trabalhando em seu officio de ourives, á rua Direita de Palacio, sentiu, de repente, um entorpecimento que o obrigou a largar o trabalho e entrar para um quarto, onde lhe sobrevieram dores que o obrigaram a soltar gemidos dolorosos, que seus companheiros tomaram por mero gracejo.

D'ahi a momentos pertencia ao nada; sua existencia cessara!

—Capitão, um dia destes, passando na Estrada Nova, convenci-me do estado de adiamento e liberdade desta boa terra.

—Adiantamento do carangueijo, movimento da preguiça, energia do cágado.

—Vi no meio da rua, proximo ao becco do Ferrão, um grupo de meninos assentados em circulo. Eu gosto de ver tudo; approximei-me. Estavam tão entretidos que não deram com a minha presença.

● —Mas fazendo o que então?

—Tinham uma lata de folha contendo bilros numerados, com os quaes innocentemente divertiam-se no jogo do *ponto maior* á dinheiro!

De bocca aberta exclamei: « Feliz terra esta, onde todos são senhores de suas acções livremente, desde o adolescente até o decrepito!

—Meu charo, o jogo hoje está diffundido geralmente; seus braços abrangem todas as classes e condições. Desde que houve cabeça legislativa que lembrou se de implantar esta seiva fertil do vicio no meio da população, o jogo tornou-se geral.

Joga-se officialmente com licença das autoridades, porque o jogo hoje é uma das verbas de renda publica.

Quem dá 50\$ rs. abre uma casa de jogo; um lupanar do vicio, uma espelunca para a ociosidade, e a infancia vae seguindo o exemplo contagioso que lhe dão os maiores.

Os meninos jogam á dinheiro, com cartas, com buzzios, com dados, nas lojas dos sobrados, nas praças, nas estradas, como V. viu.

Não é ahí só; na ladeira do Gravatá tambem ha disso; os moleques jogam no meio da rua o *loto* á vintem o cartão.

—Mas senhor, a policia não vê, não sabe isto?

—Policia! O que é a policia nesta terra?

A policia aqui quando muito encherça o que lhe está á dous passos diante dos olhos; nada mais.

—V. conhece o *Burro das almas*?

—Não e o Torres?

—Elle mesmo.

—O que teve?

—Queria matar uma mulher, segunda-feira, na rua da Ordem Terceira.

—Em qual casa, homem?

—Em casa nenhuma, no meio da rua.

—Isto é arrojado por de mais.

—O famigerado anda agora com dous burros vendendo laranjas; em ajuste dessas fructas com a creoula Maria Balbina, desconchavaram se, e o Torres abusando da superioridade de forças, atirou com a mulher em corpo e alma sobre as pedras, montou os joelhos sobre ella, com uma mão apertou-lhe as guelhas, e com a outra espancou-a demasadamente. A' não ser a intervenção do portuguez José Antonio Gomes da Cruz decididamente a teria asphyxiado.

—Ora que homem brutal!



—Por um motivo frívolo; troca de palavras.

—Elle o que precisava era ir d'alli para a Correccção.

—E' o mais certo; quem perde o dia, não perde o anno.

—Hoje haverá um rico divertimento no circo gymnasio *Auriol*, o qual se dividirá em duas partes, segundo o programma.

—Queira ter a bondade de dizer-me quaes são os trabalhos acrobaticos de que constará o divertimento.

—Dará principio uma linda Symphonia, executada pelos primeiros professores de musica desta capital, começando os trabalhos gymnasticos pelo. — *O quadro dos artistas*, executado por todo gymnasio.

Em seguida os socios Carlos e Mattos executarão um perigoso trabalho intitulado: — *os homens aërios*.

Continuará o divertimento com um trabalho de deslocação pelo joven Henrique, intitulado: — *a tartaruga*. Depois seguir-se-hão os trabalhos intitulados: — *o concerto ceeste, o divertimento chinez, a festa dos ceestes e o ranchador prussiano*,

—Onde se vende os ingressos para esta funcção?

—Na porta do mesmo circo, na rua da Lapa, becco em frente ao Tororó, no dia do espectáculo.

—Eu irei assistir.

—E' de esperar que haja grande concurrencia.

—Inspira serios receios o estado anormal desta terra.

—A' vista dos factos. . . . .

—Os attentados contra a segurança individual reproduzem-se amiudadamente e não apparece repressão para os aggressores!

—Ataca-se, espanca-se e tortura-se no meio da rua impavidamente.

—No domingo, seriam sete horas da noite, subia pacificamente a ladeira do Caminho Novo do Taboão, uma mulher de nome Libania. Um individuo que ali se achava, chamou-a e como a mulher não respondesse, encaminhou-se para ella, pegou-a pelo braço, querendo fazel a voltar, para lhe dar attenção. Escusando-se aquella, foi por tão simples e injustificavel motivo, espancada se a piedade.

Aos gritos da paciente não appareceu ninguem que lhe acudisse e o valentão ponde á vontade desabafar todo seu indomito furor na inoffensiva victima, pisando-lhe o corpo com os sapatos.

—Esta terra parece um deserto, um sertão onde as feras bravias, transitam livremente.

—Depois que espancou bem a mulher, entrou para uma casa, que dizem ser sua morada, donde momentos depois sahio com tres individuos, em orgia.

Este sujeito, consta chamar-se Honorio.

—Si para procedimento tão criminoso, não ha o devido correctivo, fique ao menos registrado, para que cada um se previna e tome a devida precaução.

—A guarda da Correccção não é mais de official?

—Pois não é?

—E como passando o 4.º batalhão da guarda nacional pela frente da fortaleza, formou-se a guarda e não se apresentou o official para fazer as continencias do estilo?

—Cousa que se passou a 27 do mez findo, agora é que V. lembra-se della?

—E' por causã do commento que eu ouvi as *meninas felizes* que moram na esquina da rua dos Carões fazerem á respeito.

—Capitão, é preciso desmanciar uma cilada, impedir uma bisca que estão arranjando.

—Diga, que eu farei o que estiver á meu alcance.

—As irmans de charidade querem casar a recolhida Maria Amelia com um estrangeiro servente da estrada de ferro.

—Si é só isso, não vejo cousa de mais.

—V. Ex. não repara que estrangeiro é gente que leva ao ultimo apuro o prejuizo de cõres e que um estrangeiro procurando casar com uma brasileira de cor parda, tem algum fim em mente?

Esse estrangeiro, quer nada menos do que atabafar suas dividas com o dote da recolhida, e as irmans de charidade prestam-se a fazer mais esta obra de charidade, immolando aos calculos de um homem o futuro de uma moça.

—Pois até, para *medianeiras* prestam-se irmans de charidade!

—Além disso, fallam tanta cousa á respeito do procedimento desse estrangeiro... Trazem a memoria o caso de umas facadas...

—Casamentos que sempre tornam-se infelizes. E' preciso despertar a attenção do Dr. juiz de orphãos.

—O que é preciso obstar é que essa moça não seja coagida a unir-se a um homem que não é de seu gosto; que as irmans de charidade que se inculcam de tão catholicas não a obriguem a ir ao pé dos altares mentir, prestando um juramento forçado, para ao depois a sociedade implacavel apontal-a com o ferrete da odiosidade por uma falta que a forcaram a commetter; é preciso atalhar em



quanto é tempo a infelicidade que esvoaca sobre a cabeça da pobre moça, victima do interesse e ambição de um homem a quem as irmãs de charidade — suas patricias, querem proteger.

—Abaixo publicamos uma poesia redigida pelo finado empregado da thesouraria geral José Duarte da Silva, na occasião em que estava para deixar este mundo de enganos e traições:

« Quando eu morrer, minha morte  
Não lamentos, charo amigo,  
Que o sepulchro é um jazigo  
Onde devo descançar

—A minha triste existência  
E' tão pezada, é tão dura,  
Que a pedra da sepultura  
Ja me não pode pezar.

Uma lagrima, um suspiro,  
Eis' quanto custa o morrer,  
Custa-nos sempre o viver  
Prantos e dores sem fim

—Que tormento fôra a vida  
Si não fosse transitoria!  
Não me risques da memoria,  
Porém não chores por mim.

Enchem trevas o sepulchro  
Mas ninguem d'ellas se queixa  
Quando o morto os olhos fecha  
Não quer luz, quer socegar,

Aquelle fundo silencio,  
Aquelle triste abandono,  
Dão-lhe tão tranquillo somno  
Que não pode despertar.

Já tive medo da morte,  
Mas hoje tenho da vida,  
Sinto minh'alma abatida,  
Sem vigor o coração,  
Já cansado de soffrer  
Para a morte os olhos lanço,  
Vejo n'ella o meu descanço,  
A minha consolação! . . . »

## A PEDIDO

—Capitão, João da Cruz Vieira queixou-se ao subdelegado da freguezia do Pilar contra um tal Bernardino.

—Mas porque?

—Vieira habita em um quarto da loja do sobrado em que mora Bernardino, fronteiro ao forte de Santo Alberto, cujo quarto lhe fora sublocado por este; mas Vieira lhe tem sempre pago os alugueis pontualmente.

No dia 9 entendeu Bernardino que devia despejar Vieira do quarto, sem que para isso usasse dos meios legaes.

E então que fazer?

Tendo Vieira sabido, Bernardino arrombou-lhe a porta do quarto e jogou-lhe os carregos no meio da rua.

Chegando Vieira reclamou contra áquelle procedimento, tanto mais quando elle nada lhe devia.

Mas á essa reclamação Bernardino corre atraz d'elle com uma faca em punho para assassinal-o; o que teria feito si não corressem em seu soccorro algumas pessoas, das innumeradas que testemunharam o facto.

—Este Bernardino não é um empregado na repartição da policia?

—Supponho que sim.

—O melhor commentario que se pode fazer á certos factos, é entregal-os descarnadamente á apreciação do publico.

—Mestre, por quanto me arranja o passeio?

—20\$ reis.

—Muito caro.

—Caro! Nem diga.

—Na razão do que V. dispende, é.

—Nem por isso.

—Deixa de historias, *Nicolas*, tu so compras o cimento; o mais sahe do monte-mor.

—Si o Sr. mandasse fazer por outro, se veria obrigado a pagar o duplo.

—Havia V. achar uns vinte *ganchos* como estes.

—E pensa que eu faço poucos?

### Motte.

*Amor de frade faz medo*

*Fujam delle a desfilada,*

GLOSA.

A frades nem por brinquedo

Deveis, meninas, amar,

D'elles não ha que esperar,

*Amor de frade faz medo,*

Frade não guarda segredo

Tudo leva em cassoada;

Frade não pode dar nada

Basta ser gente que pede;

Frade tem morrinha, fede,

*Fujam delle a desfilada.*

—Cynico injusto, chega á falla.

—*Justo* e recto como eu, ninguem, capitão!

—*Justo* como a boeca de um sino e recto como um anzol, não duvido.

—Na minha consciencia, o unico defeito de que me accuso, é de ser *amado*.

—Consciencia de bandido é a tua, vil seductor, mensageiro da corrupção, genio da perversidade.

—Tanto não sou o que V. Ex. diz, que sou *cousa em minha terra*.



—Pela degeneração dos tempos. Em outras epochas penduravam os ladrões nas cruzes, hoje elles as trazem pendentes no peito.

Por essas aberrações, é que tu que devias ter um lugar de grumete em qualquer vaso de guerra, andas campando de *cousa*, infame.

Um ente desmoralisado como tu, um perdido, um sevandija, era para nunca ser lembrado nesta vida?

Recordas-te daquella pobre rapariga criada em casa de um honrado empregado publico, hoje morto, que tu seduziste, e raptaste, embarcando-a em um saveiro e depois abandonaste, voltando ella para a casa da familia que a creou?

Pois esta infeliz, todos os dias, com justa dôr e indignação, pede a Providencia Divina, que te remunere pelo bem que lhe fizestes.

—Tudo fosse isso.

—Agora andas cavando a desgraça de outra incauta victima pelo *Circulo da Ventura*. O insciente homem, viuvo, sahe cêdo para seu *negocio* e volta sempre tarde e tu aproveitias a vaga para tuas conquistas, empregando meritas e subterfugios para por esse meio ver si consegues o infame fim de perder não só as duas mulatinhas, como tambem a mais alguem.....

*Sobre-renegado* como tu, o diabo põe as duzias. Estendendo o teu dominio até perto desses *mares*, ali mesmo dás a prova de tua devassidão, de tua concupiscencia, de tua lubricidade—indo em commum banhar-te nú, com a tua marafona, duas mozinhas, um creado de tua concubina de 16 annos, o teu camarada e o *ex*. Não é um quadro moralisador este que apresentas?

(*Continúa.*)

«—Eu ouvi dizer que sua prima vai se casar, é verdade?

«—Parece-me que sim.

«—V. vai assistir ao acto?

«—Eu não; meu primo até foi para fora envergonhado.

«—Envergonhado de que?

«—Porque o sujeito com o qual ella se vai unir é um *cabra*.

«—*Cabra!* Pois olhe si forem a ajustar contas de branquidade, talvez que seu primo, que se diz envergonhado, venha a restar-lhe o *saldo*.

«—Então o que quer dizer V. com isso?

«—Quero dizer que si o homem é *cabra*, V. e seu primo talvez sejara mais *cabras* que elle.»

—Que desaforo!

E' uma *mulatinha* que ousa assim injuriar a um moço, chamando-o *cabra*, quando ella

em qualidade talvez esteja fóra da sua *esphera!*

—Mas quem é essa *branquinha* que assim ousou fallar?

—E' uma donzella que conversa a sós com o seu namorado Constantino, dentro de umas coiraneiras.

—Ora, eu julguei que era outra especie de gente!

Camboatá é que suja agoa.

—Capitão, estou desorientado.

—Acalme-se, meu rico.

—Venho agora de um lugar onde atabo de ser desfeitoado e desattendido.

—Esfrie o sangue e conte-me seus dissabores.

—Fui a *Moenda* da Conceição, receber dinheiro do dono de uma venda e tive de esperar, porque elle não estava.

Entra um *permanente* destacado na *casa de prisão* sem trabalho e pede a quem estava na venda que lhe entregasse uns objectos que dera a guardar.

«Camarada, (disse o rapaz que se achava na venda) nada lhe posso entregar, porque de V. nada recebi e não tenho ordem para isso. F. não tarda, espere um pouco.»

O soldado em lugar de achar razoavel a excusa, deu-se por offendido, e bradou:

«V. acha que eu havia de vir buscar o que não dei, Sr. este, aquelle, aquell'outro. Si fosse para alguma ladroeira V. estava prompto.»

E pôz os nomes mais porcos e insultuosos no rapaz.

Aquillo revoltou-me e fez com que me dirigisse ao soldado, observando-lhe que não tinha razão. O *prudente* permanente virou-se para mim e passou-me a mais horrenda descompostura que se pode ouvir. Chamou-me de c... sendo eu casado; filho da p... e outras injurias. Sem lhe responder, dirigi-me ao destacamento, procurei o official comandante que me recebeu deitado e em ceroulas. Contei-lhe o occorrido e indiquei-lhe as pessoas que viram. Disse-lhe mais que era ex-sargento de voluntarios, condecorado com o habito de Christo.

O moralisado official nem me fez o favor de levantar-se; deitado mesmo respondeu-me:

«Camarada, meia volta; va decidir com o soldado lá na rua!»

—Bom!

—Pasmeci, capitão!... Quiz ainda fazer-lhe uma observação; mas elle asperamente cortou-me a palavra:

«Lá na rua é que o soldado lhe insultou; espere-o lá e entenda-se com elle.»



—Que modelo de official!

—Retirei-me sem piar, receiando que o soldado á vista de tanta ousadia fosse capaz de alli mesmo me desfeitear, e vim ter com V. Ex.

—Hoje que dia é?

—Sabbado.

—Pois na primeira folha que sahir mandarei publicar o facto. O maior castigo que se pode infringir ao executar de uma commissão qualquer é dar publicidade aos seus malfeitos no desempenho della.

### Movimento do Porto.

Pitangueiras em 30 minutos a sumaca corsario *Bella*, capitão *Boa lis* equipagem 6 substitutos; carga gallinhas e chifres ao capitão.

Os moradores da rua do Socorro, e adjacentes da freguezia de Brotas, imploram ao Exm. Sr. presidente da provincia, e Srs. Dr. chefe de policia, Dr. delegado, e Dr. inspector da saude publica, para irem reconhecer o matadouro de porcos, que publicamente tem no quintal de sua morada na travessa da mesma rua, o poderoso inspector de quartirão Cassiano Rodrigues Banha, com o maior escarneo das leis, incomodando a vizinhança, noite e dia, com a matança e grunhido dos mesmos, sangues podres do esgotamento das tripas e fumaceira que infeccionam o ar naquella localidade, prejudicando a saude publica.

Diversas pessoas têm sido affectadas das febres.

Tamãha violação das posturas municipaes n.º 99 e 100, dá-se pelo amplo consenso que dá a camara ao infractor de crear e matar taes animaes.

Quando são conduzidos os rebanhos para o chiqueiro, não há cuidado em seus conductores: entram os porcos pelos quintaes, passando de um a outro, quebrando cercas, estragando as plantações, e atraz delles os seus encarregados, passando de um á outro quintal. Sempre estão se dando esses factos. Sabbado as 5 horas da tarde deram-se muitos estragos desta ordem, como foi publico e presenciado pelos vizinhos. Ha um anno que soffrem os moradores todos estes flagellos, já com porcos, cavallos, cabras e o cão bravo, que avança e morde, cavallos soltos violando os terrenos e quintaes alheios, comendo as plantações, e aniquilando tudo. Os habitantes da referida rua fizeram uma representação ao Sr. Dr. chefe de policia, que immediatamente deferiu á representação, baixando ordens a subdelegacia, para cumprir as pos-

turas municipaes, mas as authorities do local e seus inspectores, não cumpriram as ordens superiores, nem attendem á reclamações do povo. Os factos estão de dia em dia augmentando-se pela falta de correção e punição.

Hontem entrou em Latronopolis o corsario *Bella* vindo do porto das Pitangueiras com o celebre capitão *Boa lis* vai para Itapagipe calafetar e botar verniz na proa para voltar ao logar de suas façanhas — Esse terrivel corsario tem causado terror no reino das *Brotas*.

### Pergunta innocente.

O beneficio que a sociedade Roger pretende dar no dia 13 será para pagar aos credores com o producto?

Não sei, veremos.

*Um credor.*

## VARIÉDADES.

### As crianças.

A melhor corda da alma feminina, quem com mais força a vibra são os dedos frageis e alvos das crianças!

Os meninos são os thermometros da vida conjugal. — Entra-se em uma casa de familia, quem primeiro apparece é uma criança, alegre, feiteira, gentil, franca e palradora.

—Você como se chama? Pergunta-nos olhando de travez.

—Fulano de tal.

—Schi! que nome feio! Papae é que tem um nome bonito. Que é que você quer?

E aquelles grandes olhos castanhos ou pardos interrogam-nos curiosos e cheios de luz.

D'ahi a pouco apparecem os donos da casa, risonhos, felizes, urbanos na extensão da palavra.

Nada mais natural! O thermometro marcou trinta graus de alegria em casa.

Outra vez, visitamos a mesma familia. Mandam-nos por um escravo seguir para a sala de espera. Esperamos. Passa-se um quarto de hora, meia hora, uma; e a criança não apparece! Olhamos, prescrutamos, indagamos por todos os lados e escaniuhos.

Assoma á porta o pequeno com os olhos tristes e a bocca sem risos como um lyrio murcho.

—Novidade na casa!

Quando os paes entram na sala, a mesma tristeza paira no gesto e nas palavras d'elles.

Naturalissimo tudo isso! O thermometro marcou trinta graus de tristeza em casa.



As crianças travessas sujeitam-se a uma subdivisão ainda.

Ha *travessas e terriveis*. Os meninos terri-  
veis de que Cham tem-nos dado tão originaes  
caricaturas, são, alem de terriveis, perigosos  
deveras! Contam tudo o que se passa no seio  
da familia, ao pae, aos tios, aos amigos, aos  
estranhos, aos escravos, aos visinhos, ao uni-  
verso inteiro si podessem contariam, cantan-  
do e rindo!

—Papae, mamãe hoje comprou ao mascate  
uma duzia de collarinhos para primo Juca.

—Cala a bocca, menino!

—Olha, papae, mamãe disse ainda agora  
que vae pedir a você para ella ir a casa de D.  
Angelica, mas é para ir á casa de tio João Mi-  
guel, com quem a gente está mal.

E agarra-se ás pernas do pae; machuca-lhe  
o chapeu, a camisa, abre-lhe o guarda-chuva,  
pinoteia, grita e faz uma algazarra horrorosa.

—Deixa estar, diz-lhe a mãe baixinho, tu  
logo me pagas, ladrão!

Elle põe-se a chorar desabridamente, ex-  
clamando:

—Mamãe vae me tocar, porque eu contei a  
papae que...

A irman mais velha tapa-lhe a bocca, abra-  
çando-o e cortando a segunda serie do capi-  
tulo das revelações.

Contam por ahi episodios interessantissi-  
mos de crianças terriveis.

Brincava uma com um papagaio, quando o  
dono do papagaio disse-lhe, affastando-o da  
gaiola:

—Não hula, menino; olhe que elle morde!

—E porque é que elle não morde o senhor?

—Porque me conhece.

—Pois diga a elle que eu me chamo *nho-*  
*nhô*.

Uma senhora soffrivelmente magra e feia,  
dizia a uma menina terrível que chorava de-  
sesperadamente:

—Não chore, sinhá! As meninas que cho-  
ram em pequenas, quando cresem ficam  
feias.

A criança entre lagrimas perguntou mali-  
ciosamente:

—Então a senhora chorou muito, quando  
era menina: não chorou?

Os meninos travessos são em geral, bons,  
piedosos, clementes.

Repartem com os pobres, si os encontram,  
o pão ou biscoitos; eu li, não sei aonde, que  
a mãe de uma menina pilhou-a resando de  
joelhos, defronte do oratorio, com o mais  
evangelico recolhimento.

—Por quem estás resando, minha filha?

—Pelo diabo, mamãe!

—Eim! Que dizes, menina? Estás douda?

—E então? volven ella com o seu mais ni-  
moso sorriso infantil. Todo o mundo quer tão  
mal ao diabo, que eu estou pedindo a Nosso  
Senhor que tenha pena d'elle!

E' mais facil enganar-se a dous philoso-  
phos, a dous senadores, a dous sabios, do  
que a uma criança travessa.

Em um jantar de annos aconteceu o se-  
guinte:

*O dono da casa a uma mocinha pallida e poe-  
tica*:—Não come, D. Emilinha? A senhora  
alimenta-se de ar como os passarinhos, eim?

*Um filho do dono da casa, criança travessa, á  
uma senhora gorda da vizinhança*:—Porque  
ella não come eu sei!

*A senhora gorda*:—Cala a bocca, menino!  
Eu conto a sua mãe, eim? vê lá!

*A dona da casa á mesma moça*:—Não é tão  
linda aquella tamarineira da chacara, D. Emi-  
linha?

*A mocinha pallida e poetica*:—Muito, D.  
Francisca! Que fresco e que sombra que faz!

*O menino, sem poder conter-se*:—Podera! foi  
lá que a senhora recsbheu um bilhete... (*A mo-  
cinha córa prodigiosamente.*)

*Os donos da casa com severidade*:—Menino!  
menino!

*O menino, idem*:—...aquelle moço que está  
ali, olhe! Aquelle das orelhas grandes! (*O in-  
digitado fica prodigiosamente córado.*)

Ha crianças travessas, em geral, o que nós  
chamamos *espírito*, graça, espontaneidade de  
imaginação e intelligencia.

L. Rastishonne apresenta-nos, entre ou-  
tros, o seguinte e gracioso episodio na sua  
comedia infantil:

«—Vamos! Não pares: continua a resa: co-  
meça novamente; dize, meu filho: Dae-nos.»

—Dae nos.

—O pão quotidiano.

—O pão...

—Prosegue... vamos! Porque ficas a mur-  
murar palavras sem sentido?

—Eu te digo, mamãe: estou pedindo ao Se-  
nhor que nos dê, de hoje em diante, o pão  
quotidiano com manteiga.

Uma graça do *Figaro*:

—O que fazes no collegio, meu filho?

—Espero que seja hora de vir para a casa.

Uma idéa de menino terrível:

—Oh! oh! é o senhor o tal homem alto e  
feio que disse a papae que havia de vir jantar  
sempre com elle!... Meu senhor, papae não  
está em casa. Babau!

Em um jantar:

—O Sr. não quer gallinha, não?... E' por  
que sabe da cousa!

—Que cousa, nhonhô?

—Menino!



— Vou dizer, está! Esta gallinha não tinha um olho, mamãe mandou-a matar para ella não morrer... antes.

Entre as momices infantís d'essa galante horda selvagem, ha graças, bríncos, desejos, que elevam o espirito de quem os supporta ao ultimo grau de soffimento e requintado martyrio. E o peor é que a familia ajuda-os de todo o coração a esses monstrinhos implacaveis.

Ahi váe um exemplo! A mesa de qualquer jantar. Eu ou o leitor accitamos pela primeira vez uma cadeira de conviva em casa de cerimonia. Engolimos commodamente a nossa sôpa; bebemos o nosso calix de Porto *pianissimo*, como no romance de Sue, e esperamos com a maior delicadeza e tranquillidade que nos sirvam nova iguaria. Mas o perigo inevitavel lá está no canto! ao pé da mamãe! de guardanapo ao pescoço! olhinho vivo! córadinho! risonho! faminto! interessante! gordo como uma rolinha satisfeita! Servem-nos nova iguaria.

— Gosta de pimentas, senhor?... (O nome não vem ao caso: ou o meu ou o do leitor.)

— Não, minha senhora: agradecido.

O menino dá um pinote na cadeira, exclamando com uma voz de flautim terrivel:

— Quer, sim! Coma pimentas! Dê pimentas a elle, mamãe!

— Mas... articulamos nós receiosos.

— Ora, tire um pouco sempre, acode a mãe do pequeno, com um doce sorriso exigente; umas duas pimentas não fazem mal.

— Dize a elle para comer pimentas, mamãe! continua o pequeno, já de olhos molhados.

— Por quem é! duas pimentinhas! O menino quer!

— Ah! si o menino quer! E nós trincamos como os martyres Machabeus, duas pimentas, de que nos lembraremos todo o resto da existencia.

Outros amarrotam nossas calças brancas, tocam tambor no nosso chapêu como aquelle pirralho da comedia de França Junior: atiram nos bolinhas de papel ao nariz, dão-nos ponta-pés quasi adultos, mettem a mão em nossos bolsos, querem a todo o instante ouvir o *tin tin tin* de nosso relógio, assopram na machina, desenrolam os embrulhos que levamos, desmancham a nossa gravata, etc. E a feliz mãe ri, batte palmas, alegra-se, extasia-se, forçando-nos atrozmente a acharchiste nas travessuras do pequeno.

Um dos nossos mais circumspectos titulares costumava frequentar a casa de uma familia em Larangeiras. Nessa casa havia um menino terrivel. O titular, em uma das visi-

tas que fez, em meio de animada conversa, espirrou. O dono da casa disse *dominus tecum*, curvando-se respeitosaente. O pequeno nunca mais se esqueceu da formula latina, de maneira que toda a vez que lá ia a visita do costume, o menino recbia-a com a seguinte phrase, curvando-se grotescamente.

— *Dominus tecum*, Sr. conselheiro!

A principio o titular riu-se; depois enfadouse e afinal impacientou-se com tantas e tão repetidas saudações ao seu finado espirro. Nas ruas, no passeio, em outras casas, era o travesso ver o titular que gritava-lhe logo:

— Sr. conselheiro! *dominus tecum*!

Finalmente, em uma festa de egreja onde se achava a familia das Larangeiras, no momento em que se pregava ao Evangelho, entrou pela sacristia o velho titular. Vendo a familia, cortejou-a de longe amavelmente; mas o menino não quiz que parasse ahi o negocio, e fazendo signaes com ambas as mãos:

— Scio! oh! Senhor conselheiro! exclamou elle ás gargalhadas: *dominus tecum*!

Foi um murmúrio geral, e o conselheiro rompeu de uma vez com a familia das Larangeiras.

E essas crianças vingam, crescem, ficam homens e mulheres, barões e baronezas, deputados e...

O que é certo é que ser travesso equivale a ter um futuro de espirito e de felicidades!

Champcenets, Pascal, Jules Janin, Charles, Dickens, Henrique IV, Cain, Voltaire, Antonio Carlos, Pedro I, Pedro o Grande da Russia, Ninon de Lenclos, Alfredo de Musset e lord Clarendon foram as crianças mais travessas de seu tempo.

Crianças travessas! Bellos padrões do espirito e da agilidade! Queira Deus, oh! crianças sublimes, que estas paginas não vos sirvam ainda para um chapêu armado ou pelo menos para canudos, de onde sahem a um ligeiro sopro de vossas boccas algumas bôlhas de sabão douradas e verdes, mais duradouras talvez do que a lembrança do nome que estas folhas assigna.

L. Guimarães Junior.

O Sr. M... é um bom homem, alegre e conversador, para quem a natureza foi prodigo no corpo, e mesquinha no espirito.

A um que n'uma occasião lhe disse:

— O Sr. M... é um heroe.

Responden elle bem convicto:

— Não se admire, já estive mais gordo!

Procurou uma vez um amigo para lhe fallar, e como o encontrasse em conversa com outros, disse-lhe:

— Quando acabares, vem fallar comigo, por



que temos muito que conversar caladamente.

Deram-lhe a decifrar esta charada: — *Ra*, uma, *To*, outra: conceito — *Mora na dispensa*.

— Na dispensa!... repetiu elle... sera toucinho?

Este Sr. M..., quando está afflicto ou descoroçoado, invoca o auxilio da Virgem nestes termos:

— Valha-me a imagem de N. S. do Carmo!

**A filhinha da pobre.**

Minha mãe tão pobrezinha,  
Coitadinha!

Não tem nada p'ra me dar:  
A cada hora dá-me um beijo,  
E depois fica a chorar.

Minha mãe deu-me um thesouro,  
Nao de ouro;

Que ella é pobre e nada tem;  
Mas a lição da virtude  
E' um thesouro tambem.

«Escuta, filha querida,  
Minha vida!»

Cada dia ella me diz:  
«Segue a lição que te ensino,  
«Que não serás infeliz.

«Da mulher toda a riqueza  
«E' a pureza:

«Oh, filha confia em Deus;  
«Sê casta e boa, que os anjos  
«Hão de é'roar-te nos ceus!

«Tua mãe tão pobresinha,  
«Coitadinha!

«Não tem nada p'ra te dar:  
«Dá-te a lição da virtude,  
«Que te repete a chorar.»

**Documento celebre!**

*Tarifa para absolvição de peccados, publicada por ordem do Papa Leão X, em Roma.*

«Por 27 libras pode-se comer laticinios em tempo prohibido.

«Por 131 libras absolve-se um hereje.

«Por 29 libras perdoa-se o perjurio.

«Por 168 libras perdoa-se a tentaviya de homicidio.

«Por 27 libras perdoa-se as offensas phisicas feitas aos Bispos.

«Por 17 libras absolve-se o parricidio.

«Por 29 libras absolve-se o assassino e o falsario.

Por 27 libras absolve o ladrão, que não seja clerigo.

«Por 86 libras perdoa-se o adulterio.

«Por 5 libras pode o marido castigar a mulher.

«Por 121 libras dispensa-se o adulterio a ambos os conjuges.

«Por 219 libras absolve se dos peccados contra a natureza.»

«E outros artigos que supprimimos—pro pudore.—

*Isto não se commenta.*

**ANNUNCIOS.**

**Associação Typographica Bahiana.**

A mesa provisoria lembra aos Srs. associados o pagamento da mensalidade de abril ao Sr. thesoureiro Guillermino Dorea, na officina do *Correio da Bahia*, ao Corpo Santo.

Outro sim, previne aos Srs. typographos, livreiros e tytographos, que o praso das entradas de 10000 réis finda-se no dia 16 do corrente, segundo dispõe o art. 9.º dos estatutos. Bahia 3 de maio de 1871.—*Hyppolito*, 1.º secretario.

De ordem da mesa provisoria convido aos Srs. associados a reunirem-se em assembléa geral, domingo 14 do corrente, ás 10 horas da manhan, no sobrado n.º 15, 2.º andar, á rua do Pão-de-ló, afim de dar-se posse ao novo conselho administrativo. Bahia 8 de abril de 1871.—*Hyppolito*, 1.º secretario.

O Sr. Deocleciano de Souza Machado tem uma encomenda nesta typographia.

O Sr. Francisco Xaxier Alpoim tem uns recibos nesta typographia.

Fugiu desde o dia 19 do passado, da cidade de Santo Amaro, a escrava Maria, de nação nagô; foi escrava do finado Godinho, é alta, magra, fula, de olhos grandes e avermelhados; tem algumas pinhas de cabellos brancos e dentes muitos certos; já foi vista no Cabulla; quem a levar a Camillo de Lellis Piedade, ou Cargeiro e Machado nesta cidade, ou a seu senhor em Santo Amaro, receberá 200 réis de gratificação.—*Francisco José dos Santos*.

**PREVENÇÃO.**

Affirma-se que se premedita a falsificação de uma certidão de idade, unica porta de salvação por onde pode escapar-se o portuguez Antonio Tavares da Silva Godinho, accusado de crime de rapto e defloramento praticado na menor Clara L.Porto, pelo dito portuguez. Parta de quem partir a fraude, chama-se para ponto tão grave a attenção do digno juiz que tem de tomar conhecimento da causa.



# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 79.ª

SABBADO 13 DE MAIO.

N. 789.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 12 de maio de 1871.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que passe a multar a certos moradores do becco do Motta que fazem despejo de excrescencias sobre os telhados das propriedades ás Portas do Carmo que lhe ficam inferiores. Cumpra.

—Capitão, tome nota de mais esta:

No dia 6 do corrente, foi barbara e atrozmente torturada uma moça de nome Adelaide, moradora ao becco da *Republica*, aos Curraes Velhos, freguezia de Santo Antonio.

A offendida levou tanta pancada, que não se poude mais levantar; deitando d'ahi para cá grande quantidade de sangue pela via urinaria e com o corpo deformemente contundido.

Está em perigo de vida e no dia 11 recebeu os ultimos Sacramentos.

—Quem seria o author de tamanha atrocidade?

—Dizem que um ex-official de voluntarios. O motivo é o mais indesculpavel do mundo. Por não ter a offendida preparado uma porção de carne á contento do offensor, seu amasio.

—Pretexto para quem tem seu genio mau.

—O author de tamanha barbaridade anda livremente, apesar das authoridades terem sciencia do attentado e do estado da soffredora.

—Nesta terra é assim mesmo.

Os reus de policia, os assassinos, os facinorosos conhecidos e apontados, escapam á acção das authoridades locaes, ao passo que os cidadãos laboriosos e pacificos, os homens honestos; vivem sob a pressão da policia, quando não são victimas em suas proprias casas da sanha dessa horda de vandalos.

—Nossa assemblea provincial esteve impagavel terça e quarta feiral

No ardente zelo com que tratam os paes da

patria de felicitar este abençoado torrão, levaram a dedicação ao extremo de quererem converter o recinto em arena de gladiadores, ou a campo de aggressões pessoas.

Houveram deputados que começando a tratar os collegas por—excellencia—acabaram reciprocamente no calor dos doestos por—você.

—Só assim é que a patria será feliz.

—Houve até quem, dizem, n'um momento de distracção, deixasse transluzir a lamina de um agudo punhal.

—Rendas e alfinetes do *Diario da Bahia*:

«O Dr. J. Tibureio pretende desfazer a sociedade que tem na loja *Bota de Ouro* e abrir por sua conta e risco uma outra (loja e não sociedade) com o titulo—*Botina de Ouro*.»

—Capitão, contaram-me que no hospital de charidade existe como servente, uma recolhida da Santa Casa, cuja sorte é bem agra e mesquinha, pelo tratamento despresivel e brutal que recebe das irmans de charidade.

—Eu não duvido nada dellas.

—Sugeita á trabalhos humilhantes e pesados para suas forças, soffre castigos improprios da fragilidade e delicadeza de seu sexo.

—Isto é por que ellas são compassivas e indulgentes.

—A miseranda moça, é muitas vezes metida em um casebre escuro, infecto, sem ar, humido e condemnada á jejuns.

—E não são rancorosas!

—As irmans de charidade, sobre cuja castidade tanto se tem fallado de algumas, no hospital, por exemplo da irman Izabel, as irmans de charidade cuja virgindade é duvidosa, pois que ninguem sabe o que eram lá na França, artes de entrarem para o instituto de S. Vicente, as irmans de charidade, digo repugnam curar molestias venereas para não offender o seu pudor, entretanto que isso mesmo que ellas se recusam a fazer como improprio do seu sexo, obrigam a pobre moça, cuja honestidade está fóra de duvida.



—Ao menos não se tem dito dellas certas cousas....

Mas as irmans de charidade nesta terra so não fazem o que não querem. Immensas vezes se tem bradado pelo que soffrem as infelizes recolhidas sujeitas ao capricho das irmans de charidade e nem por isso ellas teem melhorado de sorte.

—A Sra. não está enferma?

—Gravemente, meu Sr.

—E como não se recolhe ao hospital?

—De la venho agora mesmo.

—Pois sahiu neste estado?! Com um dia tão chuvoso?!

—Esta observação fez o Dr. Moura dizendo que a humidade do dia podia complicar meu estado melindroso de saude, mas as irmans de caridade não attenderam a isso e em sua soberana sabedoria, affirmaram que eu estava boa e despediram-me.

—Ora que charidade das carepas!

—Despediram-me, porque quizeram obri-gar-me a lavar o soalho e como eu exhústa de forças, não pude, tangeram-me deshumanamente.

O Dr. Moura ponderou que eu estava seriamente doente e que sahindo hoje 10 com o dia chuvoso como está, podia perigar. As irmans concordaram que eu ficasse por hoje, mas fui advertida que aquella condescendencia da parte dellas, não passava da intenção em que estavam de castigar-me pela minha desobediencia de não querer lavar o soalho, tran-cando-me em um quarto escuro, logo que o Dr. voltasse as costas.

—So isso é que é pureza de coração!

Senhora, como se chama?

—Maria Anaeta de Souza.

—Admiravel exemplo de charidade.

Vae um infeliz procurar linitivo á sua en-fermidade e é obrigado á um trabalho força-do ou á ser expulso!

—Na quinta-feira, pelas 4 horas da tarde, atravessava da ladeira da Conceição para a de S. Bento, na occasião de sahir o *bond* dos Tri-lhos Urbanos, um carro carregado de taboas, accoecendo ir sobre ellas os burros que pu-chavam o *bond*, do que resultou saltar o côcheiro por cima dos animaes ficando mais de cinco minutos sem sentidos da terrivel pan-cada que levou sobre as pedras, e com uma pequena ecchymose na face direita do rosto.

—Coitado!

—Mas tudo isso é devido ao pouco cuidado que se tem nas partidas dos *bonds* do largo do Theatro, com aquelle continuo trajecto de atravessamentos de carros, burros, etc.,

pelos trilhos, o que ha de occasionar muitas consequencias funestas.

—Quando o homem é um peralta, um va-dio, um olho-vivo, a sociedade o condemna, repudia e detesta!....

—Temos obra.

—E' uma reclamação que venho fazer a V. Ex. sobre o procedimento inqualificavel dos moleques desta cidade para com um homem que anda vendendo café.

Esse individuo mercadeja cantando o gene-ro que tem exposto a venda.

Os moleques ao encontrarem-se com elle o vão saudando com uma salva de grossa ar-tilharia de pedras e o arremedando no mer-cadejar: —«*cheguem pro café; cheguem pro puro e bom; cheguem pro bom e barato.*

—Que insolentes!

Como é assim apedrejado e apupado por essa cãfida de vadios, um homem trabalhador e que procura um meio licito e honroso de vida?

—E' porque não ha policia que garanta ao cidadão que laboriosamente procura ganhar o pão quotidiano.

—De maneira que vive esta terra entregue aos cachorros e moleques, que fazem n'ella o que querem.

—Que paixão desregrada!

—Aquelle não é o Virginio?

—E'.

A Martinha abrigou-se em casa de uma fa-milia, aqui na rua do Pan-de-ló e o homem entende que pode invadir a casa alheia.

—Si elle ja retalhou as nadegas da mulher, e deitou pimenta impunemente, que receio po-de ter de mais nada que pratique?

—Alem disso, sendo preso n'uma tarde á ordem do subdelegado, occulto em baixo de uma cama na casa do logista Souza Correia, o chefe de policia o mandou soltar no outro dia pela manha.

—Ora está como se dá azas ao crime!

—Nesta parte faça justiça ao honrado ma-gistrado; não foi senão por alguém engano que S. S. fez isso.

—O certo é que elle audaz pela impunidade está commettendo para diante toda sorte de desvarios.

—Tudo tem seu limite. O chefe de policia agora melhor informado da conducta irregu-lar desse rapaz, ha de por certo impor-lhe um correctivo.

—E' preciso intimar a morte para não ma-tar mas ninguem. de repente, sabe, capitão?

—Ja vem com suas stultices?



—Sob pena do pobre morto correr risco de ficar sem sepultura. A intolerancia dos padres considera impenitente aquelle que pela brevidade da morte não tem tempo de confessar-se.

—Óra sebo!

—V. Ex. duvida?

Pois aqui estão dous casos recentissimos: O 1.º é publicado no *Diario de Pernambuco*, sub o titulo—

«CASO GRAVE.—Tendo fallecido no dia 3o do corrente (março) na enfermaria da casa de detenção, o preso Manuel Eugenio de Souza, vindo do Rio de Janeiro para seguir para Fernando de Noronha, victima da febre amarella, «sem ter a molestia dado logar a que elle se confessasse,» recusou-se o Rvm. coadjutor da freguezia de Santo Antonio dar a competente licença para o enterramento, «sob o pretexto de ter morrido impenitente.

Não havendõ o Exm. Rvm. Sr. conego vigario capitular respondido, até hontem pela manhã, ao officio do Sr. Dr. chefe de policia, pedindo providencias, em vista da gravidade do caso. S. Exa.º o Sr. conselheiro presidente da provincia mandou que fosse o cadaver sepultado no cemiterio publico, o que se fez.»

—Que bem entendido escrupulo de consciencial.

—O outro facto é narrado por uma carta escripta de Fernando de Noronha para o Recife:

Eil-o:

«Havendo fallecido aqui repentinamente no dia 4. do corrente, victima de uma congestão cerebral, a sentenciada a galés, da provincia do Ceará, Luiza Felicia do Nascimento, o respectivo 1.º capellão, padre Clemente Negrís, da companhia de Jesus, negára sepultura ecclesiastica ao cadaver dessa infeliz mulher, fundamentando o seu acto com a citação de disposições do Ritual, que nenhuma applicação tinham á finada, a qual, em sua vida sempre dera provas de seus sentimentos religiosos, assistindo ás missas e ás preces, que diariamente fazem õs sentenciados e não se poder consideral-a impenitente na sua ultima hora, attenta a natureza do mal que produziu-lhe a morte instantanea, caso em que era-lhe impossivel receber soccorros espirituaes recommendados pela igreja.

«Entretanto, o commandante d'aquelle presidio não iouvavel empenho de prevenir qualquer manifestação por parte dos sentenciados contra essa denegação de sepultura, que causára entre elles grande sensação, tomou o prudente arbitrio de mandar inhumar o cadaver no cemiterio do referido presidio. apesar da má vontade do jesuita.»

—E entretanto em quanto os ministros da religião do Cordeiro que tira os peccados do mundo, negam com tanta impiedade o ultimo jazigo aos restos de christãos, vão optimamente representando o papel de esbirros de policia.

Lê se no *Jornal do Recife*:

«O portuguez Antonio da Silva, que anda vendendo biblias impressas em Nova-York, foi hontem, em hora azlaga, fazer o seu commercio na cidade de Olinda. Mandado pela authoridade policial á presença do Sr. vigario capitular, apossou-se S. Rvma. de todos

os livros do pobre homem, sob o pretexto de serem «biblias falsificadas!»

«Este acto de authoridade tão superior ha de talvez fazer persuadir fóra d'agni que já não existe entre nós direito de propriedade.

### Os prós e precalços do casamento.

Na nossa terra, em chegando um rapaz aos seus deseseis, está doudõ por se amarrar: não ha moça que lhe não agrade e nem dia que não esteja apaixonado por alguma beldade. Anda o pobresinho como uma barata tonta desesperado por ter—sua mulher.

Na nossa terra, em chegando uma menina aos seus quatorze, estão os paes de cabeça baixa, como quem procura agulha perdida, a vér si acham algum papalvo que lhes leve de casa a mercadoria que tanto os incommoda; e a menina, enjo instincto casamenteiro é extraordinario, faz por sua parte as possiveis diligencias para casar, porque a menina quer ter—seu marido.

Tanto vai o pote a fonte até que se quebra.

Tanto procura o rapaz até que acha; tanto busca a menina até que encontra.

Muito bem, estão casados.

Nos primeiros tempos não ha nada melhor, tudo vai ás mil maravilhas, o rapaz que era um extravagante, que sempre vinha para casa com o preto do pão, já não sahe á rua para adorar a sua santinha, e a santinha vive infelicitada do seu santinho, tanto que inda se não lembrou de tocar o seu pianno, nem de chegar á janella.

Que bello! que vida!

Por então, inda o sujeito não sente o chameo; são duas pessoas de familia, e a despeza é a mesma que fazia quando solteiro. Está contentissimo, já tem quem tome conta de sua roupa, quem lhe dobre a casaca, quem lhe dê a roupa para se vestir quando sahe, quem lhe abra as meias, enfim, tem—sua mulher.

O casamento é uma coisa boa quando [vai assim. Mas, por milagres de Santa Margarida, e das meiguices do santinho para a santinha, e d'esta para aquelle, principia a sinharzinha a sentir o corpo molle, a ter fastio, a estar só deitada, á enjoar certas comidas e a palavra primeira de aterrar que apparece aos ouvidos do novo casado, é—enxoval.

O que é um enxoval? Oh! são uns trapinhos, umas rendinhas, umas rendinhas e fitas, umas fitas e filós, uns filós e setins, uns setins e que sei eu? Uma trapalhada de coisas, que se exige do marido, inda mesmo que seja uma tolice, porque diz logo a mulher, que não quer para seu filho, senão tudo mui-



to bom. E' o primeiro filho tudo hade ser novo, porque depois se falla. E não ha remedio, lá se vão bons cobres na compra do tal enxoval, que em breve tempo não serve mais e é desprezado pela mulher que principia logo a resmungar as palavras — camisolinhas para o menino.

Mas enfim, o marido está contente porque desejava ter um filho — um filho firma a amizade, e é sempre bom ter um herdeiro. Caminha tudo as mil maravilhas; pois não se lembra o homem que tem de pagar a uma parteira, aturar os barulhos de uma mulher com dores de parto, e os remechidos, e cochixos das outras que se ajuntam então por curiosas, á titulo de amigas.

A coisa já não vai muito bem, e o sujeito principia lá no fundo do coração a arrenegar da asneira que fez. Não ha remedio, diz elle, mas o parto dura um dia ou uma noite, e portanto posso supportar todo este barulho. E de facto, o negocio se ultima em paz, está o Sr. marido, papai, e é um grande prazer o que desfructa, e ante o qual se esquece de todos os incommodos atrazados. Está pai, já tem um herdeiro, e quem derrame sobre sua campã o doce pranto filial. A alegria da paternidade levou o grande Napoleão a fazer loucuras.

Porém inda alguma cousa ha; elle, o papai que gostava então tanto de ter a sua casa ajeitada, a vê agora toda desfigurada com cordinhas de coeiros e pannos do nenemzinho, as janellas tem tambem essas cortinas de nova especie, e por toda parte, dará com a vista, já em uma bacia de banho, já em um fogareiro de brasas com alfasema etc., sem fallar na desordem que anda em casa com visitas e chegada dos parentes que desejam ver o menino, do qual gostam muito, e começam a dizer que se parece muito com o pai, que acham muito bonito, embora seja um monstruengo, e no que se atura de uma ama, quando as mães não querem criar.

Já o negocio não agrada muito ao marido, e começa a pensar que foi um bobo em buscar trabalhos por suas mãos.

O casamento tem que se lhe diga — e os seus prós e precalços são longos e infinitos. E nem os filhos são peiores, pois que um filho é sempre um filho, e o que se casa atura aquillo que fabricou.

Um filho chora, não deixa o pai dormir, faz travessuras, mas é sempre filho; mas, quando passados alguns annos sem que o marido espere por uma semelhante buxa, morre-lhe o sogro e elle não tem remedio senão receber a praga de uma sogra, e mais suas filhas, e mais seus filhos, e mais até seus agre-

gados? Oh! então o pobre não tem mais prazer, nem se ri, perde a côr do rosto, e conhece que por um tal preço é muito caro o throno. Não pode mais fazer uma casaca para si, nem comprar um chapéu porquea sogra quer capona para ir ás suas missas, porque está bêata depois de viuva; porque é necessario dar vestidos ás cunhadas e sapatos aos cunhados.

Eis-aqui um dos cravos mais insoffriveis do casamento: é duro aguentar um homem com uma carga tão pezada, sem fallar nos medeixes das cunhadas, e nos arrufos da sogra que nunca passou tão mal, porque só comia presunto, no tempo do seu defuncto.

O casamento é bom: o homem suspira por elle; mas bem reparado é a sua maior asneira.

## A PEDIDO

Desejando arredar qualquer suspeita sobre minha conducta presentemente, venho pela imprensa declarar que o Honorio que espauçou uma mulher na ladeira do Caminho Novo não fui eu. — *Honorio José d'Almeida.*

— Capitão, passando por uma rua vi um ajuntamento de mais de cincoenta pessoas. Julguei que estavam apanhando *galartixas*, porque no *forte* fronteiro haviam muitas *galartixas*.

— É o que era então?

— Um homem de chapéu de sol empunhado, rodeado de soldados, a ameaçar e insultar outro, dentro de sua casa, dizendo que mettia-lhe os pés si dissesse alguma palavra.

— Oh, queria dar no outro!

— Contaram-me que uns ratoneiros queixaram se ao subdelegado do homem, cidadão pacifico e de conducta regular e para indispol-o no animo da authoridade disseram que o havia chamado *subdelegado merdeiro*.

O subdelegado em accesso de ira sabiu, foi a casa do queixado e passou ameaçal-o e a dirigir-lhe quantalera, improprio e insulto ha, sem attender as desculpas que lhe dava o homem, fazendo-lhe ver que tudo aquillo era um tra-na.

— Mas isso é improprio de uma authoridade grave e circunspecta.

— Si me contassem não dava credito: mas eu vi.

— E encommoda-se um cidadão, injuria-se-lhe, para satisfazer a uma quadrilha de ladrapios!

Santa Virgem do Pilar como estão estes tempos mudados!



# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 80.<sup>a</sup>

QUINTA-FEIRA 18 DE MAIO.

Ns. 790—791.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1<sup>o</sup> rs. por serie de 10 numeros; 5<sup>o</sup> rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 17 de maio de 1871.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande concertar as ruas das Portas da Ribeira e d'Alfandega, as quaes pelo pessimo estado em que se acham, mormente com a estação invernosa como a em que estamos, quasi se teem tornado intransitaveis.

Sendo aquellas ruas das principaes da cidade baixa, é de equidade que a Illma. mande incontinenti concertal-as, tanto mais quando está proxima a visita de S. M. o imperador á esta provincia, em sua viagem para Europa.

Espera-se ser attendido.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que ha em Itapagipe um individuo de nome Constantino, o qual tem em sua companhia um menino orphão de pae e mãe, que é por elle castigado barbara e atrozmente.

Esse individuo mora defronte da casa em que se acha tomando ares o Sr. J. A. do Amaral, o qual já teve com elle trocas de palavras, segundo consta, por haver esse humanitario e digno cidadão reclamado contra a maneira brutal porque é castigada aquella infeliz creança.

Em vista do exposto, e em nome da victima soffredora, espera-se que S. S. empregará os meios a seu alcance, arrancando das garras d'essa bravia fera, a desventurada creatura.

—Em que estado está esta terra!

Os salteadores vão para os logares ermos e desertos assaltar os viandantes, os agentes da segurança publica, levam o arrojo mais longe; atacam o povo dentro da cidade para entregarem-lhe o que trazem.

—Eim?!

—Na madrugada de segunda para terça feira o policial Miguel e um soldado do 14 de linha, assaltavam a quem passava pela rua

dos Caldereiros para tomar dinheiro. Prendiam e espancavam a quem não tinha o que dar. Um menino de nome Bruno depois de preso e espancado para ser solto foi preciso que a mãe corresse até em casa e fosse buscar uma pataca.

O Sr. José de Souza Guimarães deu dez tostões depois de ser maltratado. Um individuo de nome Mathias levou muita bordoadas; o carroceiro da limpeza foi espancado por exprobar tão criminoso procedimento; protos e pessoas de cor que á essa hora passam por semelhante rua, para seu giro de vida, foram espancados, todos que não deram dinheiro.

Consta que alguns dos offendidos queixaram-se ao Sr. Dr. chefe de policia.

—Isto não se commenta.

—Os ratoneiros voltaram suas vistas para a ladeira da Prata.

Os habitantes daquella rua andam receiosos com alguma visita extemporanea d'essa cafila.

—E é para temer.

—Ha poucas noites experimentavam dois a porta do tenente Genuino que não se achava em casa, e á não serem vistos pelo Casusa Piston, por acaso, o homem seria roubado.

Tambem uma destas noites entraram por um terreno baldio pertencente ao Sr. Nogueira Pinto, treparam no muro e andaram pelo mesmo como gato até alcançar a janella da cozinha de uma casa, onde penetraram e fizeram o *raspa*.

Nessa mesma casa, morando o Sr. capitão Silva Reis, fizeram não ha muito a mesma graça, sendo que dessa vez não quizeram ter o encommodo de sahir por onde entraram. Abriram a porta da rua e foram-se por ella.

—Que gente peituda! E' muita audacia.

—Passeiam toda a noite pelos quintaes alheios e levam comsigo as gallinhas.

Pedem fogo a quem passa fumando e atacam exigindo o que levam, como a semana passada se deu com uma pessoa empregada no commercio.



—Esta cidade está peor que as brenhas e não vejo geito de melhoras.

—Só o que falta é assaltarem um dia qualquer casa para roubar.

—Prendam este homem que não tarda a fazer uma desgraça.

—Pelo que vejo, quer V. trocar as bollas; que o agente policial seja policiado.

—Mas que quer, si o homem hallucinado, está fazendo um papel de delinquente? Serve-se do reflexo para agredir e espancar a todos aqui na Mangueira, freguezia do Pilar?

—Eu creio que elle tomou *demais*.

—Quem bebe vai cosinhar.

—Si apparecesse quem o levasse para o Engenho da Conceição, onde está destacado, seria bom.

—Abandonou seu posto para vir fazer desordem cá tão longe!

—E logo em que noite? Hoje sabbado da Mãe de Deus.

—A policia armada nas noites de sabbado e domingo andou dando seu beneficio.

—Boa gente!

—No domingo á noite um policial, convivendo com algumas *filhas de Eva*, no Taboão, quiz que um tocador de realejo alegrasse a convivencia, tocando de graça e como de graça andam os cães e levam pedradas, o homem entendeu que não.

O agente da força publica já um pouco na *figura*, assentou que fazendo experiencia da solidez do seu fandango no costado do pobre *macarroni* conseguiria sua desarrozada exigencia.

—V. está alterando tudo.

—Então conte como foi.

—O estrangeiro tocou o realejo, a differença que houve é que tocou e não foi pago e em cima apanhou como um burro, tendo além de outros ferimentos um braço inutilizado.

—Agora concluo eu.

—O policial foi até o Caes Dourado fazendo bramuras. O destacamento inteiro não ponde com elle; entrou em diversas casas de *filhas do peccado*, deu em quem estava dentro, botou para fora, e na rua não consentia que ninguem passasse perto d'elle; acompanhando tacs desvarios das phrases mais indecorosas.

—Com um agente de tal jaez, a ordem á segurança estão excellentemente garantidas.

—As obras da Mizericordia mandam castigar aos que erram, porem não mandam trucidar, nem exercer crueldades.

—Entretanto este padre dá um sublime exemplo de mansidão e paciencia, espancando brutalmente aquelle pobre menino, livre, que tem em sua companhia, e depois de lhe apertar a garganta e moer-lhe o corpo á pau, ainda o quer atirar á rua pela janella, dando de mais a mais o edificante espectáculo da *comadre* estar fazendo tamanha lamuria, segurando-o e pedindo-lhe que não se perca.

E parece que o homem quer de veras fazer tiro com o menino, pois que este já está com meio corpo da parte de fora.

—Presepadas! Veja logo quanto povo se ajuntou na ladeira do Carmelo.

—V. conheceu o pardo-escuro Rufino que fazia *ranchos de rei*?

—Ouvi fallar.

—Falleceu no domingo.

—Porque teve a hora chegada; Deus lhe dê a gloria.

—Porém que morte, coitado! Caiu na porta de um dos açougues de S. Bento e expirou.

—Ja estaria doente?

—Soffria achaques que nesse dia aggravaram-se e cortaram-lhe a existencia.

—Capitão, o frade escabriu por alguns dias, porém depois relaxou e contiua no seu desfaçamento.

—Qual frade, homem?

—O tal que eu lhe contei que entra em casa de uma *mulher mundeira* a uma hora da tarde e sahe ás cinco.

—Pois esse lampreiro chegou a tal estado de cynismo que não se envergonha de ser visto por innumeras pessoas entrar em um alcouce?

—Nem caso!

—Vou mandar o muxingueiro se pôr de aleatea na rua de D. José para quando elle descaradamente entrar a passar para lá e para cá até embocar, ser agarrado.

—Capitão, consta que, no sabbado, passando a Exma. baroneza de S. Lourenço pelo Campo Grande, em uma cadeira, quatro de uns ilheus carroceiros que por ali andam, atiraram um gato sobre ella.

—Que audazes!.... que insolentes!....

—E como os pretos da cadeira quizessem repellir o insulto foram por elles espancados.

—E foram-se impunemente, não?

—Segundo informam-me, foram dous agarrados pelos soldados do 14.º de linha; e dous pozeram-se ao fresco.

—Alli vão quatorze carros ricamente preparados!....



—E em um delles vão tres frades!

—Eu estou que aquillo é casamento.

—E' a filha de um gordo frade que tira esmolas, que se casa hoje, a qual elle dotou com dez contos de réis.

—A que convento pertence o frade?

—V. Ex. conhece-o perfeitamente.

E' um frade que quando vae tirar esmola e se lhe dá pequena quantia, fica resmungando para a pessoa que lh'a deu.

—Lá n'isso elle tem rasão, tem familia, e si não fosse assim não dotaria a filha com dez contos de réis.

—E' um frade que na questão Moura Rosa deu apoiados ao J. Victor.

—Basta! Já sei que frade é!.... E' o frade mais devasso e immoral que tem esta cidade!

—Faz admirar que um frade, cuja pobreza imitava a *franciscana*, tenha em pouco tempo dez contos de réis para dar de dote a filha.

—E' porque elle invoca o *patrocínio* de Santo Antonio, e por isso faz d'esses milagres!

—Sabe de uma?

—Agora.

—Corre que o homem do cisco fez um contracto com as agoas da chuva encarregando a estas da limpeza das ruas, nos dias em que aquella desabar lá das alturas, economisando assim a sahida de carros e varredores nesses dias.

—Faz elle muito de seu bem.

No aproveitar é que vae o ganho

Corram os cobres e deixal os bater...

—Tentativa de roubo na casa da fazenda e agora tentativa de roubo na filial do *London and Brazilian Bank limited*, nesta provincia.

Todas duas por meio de arrombamento.

—São effeitos de illimitada condescendencia com que se tem deixado crescer e desenvolver impunemente essa perigosa industria de viver á custa da bolsa alheia por meio de fraudes, dolos, ardis e assalto.

Os larapios, e ratoneiros vão cada dia se tornando mais audazes, pela falta de punição; das investidas contra a propriedade particular passam ás repartições publicas e aos estabelecimentos de credito.

E até onde se estenderá essa propensão para o roubo e o latrocínio, tão desenvolvido e propagado entre nós?

—Os gatunos andam no meio do povo, apresentam-se em todos os logares e a policia não os conhece.

—Destemidos pela falta de repressão, serão capazes um dia com o sol alto de atacar qualquer propriedade ou individuo para roubar, mesmo nas barbas da policia.

### O regresso do Brazil.

Bem contra a nossa vontade damos este nome a carreira do Brazil; mas quem haverá que observando com attenção o estado em que nos achamos, deixe de o confirmar?

Quaes são os melhoramentos que temos feito no decurso de tantos annos, já passados depois da nossa emancipação ou independencia? Quaes os augmentos? Quaes as riquezas? Quaes as utilidades ao paiz? Pagar a deputados para perderem o tempo em questões asmaticas, tributos e vexames sobre o povo, multas e taxas, para tudo se consumir no sumidouro dos velhacos?!!

As artes em decadencia, a lavoura pobre, o commercio miseravel. E como não hade assim acontecer si os nossos representantes ou xupitantes da assemblea cuidam somente em crear logares para os afilhados, e as academias so estão a fabricar doutores, de uma forma tal que se vai isto tornando mais um imperio de falladores, do que de trabalhadores.

Os mais paizes do mundo cuidam em adquirir homens habeis e bons artistas para aperfeiçoarem e desenvolverem a industria, nós porém ao contrario admittimos continuamente somente o que é do estrangeiro.

Tem havido progresso tão somente na criação de titulos, delegados, subdelegados, rapadelegados, tapadelegados, mamadelegados, juizes á cada canto, inspectores a cada bico, ordenanças a cada gato, officios e representações as duzias, portarias aos centos, projectos aos milheiros. E a policia? sempre no regresso. E as gazetas? sempre na descompostura. E os táes maganos lá da côrte, sempre recebendo a *lambedine*.

Nota-se o atrazo, ou regresso em tudo.—A riqueza, si ainda alguma ha, existe escondida, aferrolhada, combinada, protestada, penhorada, e por fim falsificada. As transações commerciaes estão reduzidas a trafico, juros de bancos, e uzuras particulares. Os empregos publicos, ou a teta da nação é o refugium peccatorum; o negociante quebrado, o bacharel estúpido, o lavrador empenhado, o rapaz peralvilho, todos se empenham e farejam para pilharem empregos publicos, de tal sorte que mal está um empregado doente, os pretendentes affluem sobre elle como urubus em logar onde ha carniça; ninguem mais quer estender o braço para trabalhar com uma enxó; o officio mais leve e mais adoptado no tempo presente é o de dizer missa, porque basta saber o *dominus tecum*, e frequentar alguns dias a tenda de Santa Thereza para sahir um perfeito official de corôa, que fardado de uma camizolla preta e um livro velho sebozo de bai-



xo do braço, está habilitado a ser vigário até do inferno. Não menor atrazo ou regresso se nota na educação da maior parte das famílias que por mandriisse deixam de ir ao domingo á missa e sahirem de dia, para irem a noite encapotadas nas cadeiras assistirem aos bailes e *suarés* da moda, d'onde voltam estafadas e pallidas de perderem a noite na polka. Outro tanto acontece com os rapazes do tempo que desde crianças se acostumam a ter luxo e a gastar sem ainda saberem quanto custa a adquirir. Antigamente até os quatorze annos andavam com suas jaquetas, hoje porém nascem ja de casaca e fumando os charutos de regalia que são os mais parlamentares. E que tal o progresso do nosso impeio diamantino, meus senhores?!!!

Neste andar muito breve tornamos ao estado natural.

Em summa o fado atrazador ou regressivo nos persegue tanto, que nenhuma empreza podemos conseguir: fizeram uma sociedade de colonisação, mas as colonias estabeleceram-se nas algibeiras dos mais sabidos; montou-se uma fabrica immensa de papel com trapos, farrapos, embiras, e mulambos, e toda esta massagada não fez papel que chegasse para enbrulhar os narizes dos donos. e finalmente a empreza Paraguassú evaporou-se.

Valha-nos Deus, valha-nos Deus; com taes exemplos devemos estar desenganados, que o nosso progresso é igual ao dos caranguejos, e por conseguinte quem quizer progredir tenha olho-vivo e mão ligeira, que é a receita mais uzada hoje em dia nas côrtes mais civilizadas.

## LA VAE VERSO.

### Apontamentos de um louco.

Mundo de infamia e torpezas,  
E' este mundo que habito!  
Só valem nelle as riquezas,  
Chore embora o pobre afflictol  
Sempre o trabalho é mal-pago,  
A honra não tem valor;  
O vicio vence o pudor;  
Ter talento é ser maldictol

De um lado geme a innocencia,  
Do outro folga a oppressão;  
Si esta vive na opulencia,  
A quella chora sem pão!  
Vê-se no esforço das luctas,  
Miseria! sempre miseria! . . . .  
Do genio ri-se a materia;  
Calca-se aos pés a razão! . . . .

Invoca-se o *bem geral*  
Quando no *proprio* se pensa;

Põe-se em leilão a moral,  
Quer na tribuna ou na imprensa!  
Sempre fervendo as intrigas,  
Sendo juiz—o despeito;  
Sempre a torcer-se o direito,  
Sempre o—eu—na lucta immensa!

Respeito, valor, estima,  
Sciencia, leis, gratidão,  
Tudo succumbe ou se anima,  
Dos lucros á proporção;  
Forja um abysmo outro abysmo,  
Censura-se a vil cubiça;  
Mas achando so justiça  
Na propria conservação,

Razão, saber egualdade,  
São nomes pomposos, vãos!  
—Quando é que os homens irmãos  
Terão vida fraternal? . . .

Na guerra se encontra a gloria,  
Olhada por falso prisma;  
Das paixões no cataclisma,  
Se confunde o bem e o mal.

O mundo marcha, é bem certo;  
Viva o progresso e caminha;  
Mas a moral se definha,  
Tudo e cahos, tudo é confuso!  
Brilha somente o egoismo  
Nas trevas da corrupção;  
Contra as leis, contra a razão,  
Domina somente o—abuso.

## A PEDIDO

—Eis-me já de volta, capitão; tardei mais do que tencionava, pois morando o *Silva* em diversas *ruas*, bastante me custou encontral-o.

—Homem, não reparei sua demora por conhecer a distancia que ha d'aqui é freguezia de Santo *Antonio*.

—E' grande, capitão, porém eu para encurtal-a, fui pelas *Grades de Ferro*, Santa *Barbara* etc, etc. . . .

—Já sei, meu amigo. Então já se recordou dos nomes dos seus apresentados? . .

—Deixe-me, capitão, o *Silva* nã m'os quiz lembrar, temendo comprometter sua *probidade*, porém aconselhou-me que fosse a certo *morgado* em uma loja que já foi de donos que hoje estão *pobres*, (por vender barato) e ali perguntasse por um tal *chefe* e a elle por elles perguntasse, rogando lhe em nome do *club*, que elle de bom grado satisfaria os meus *rogos*.

—Então foi?

—Não, capitão, primeiro vim lhe communicar este incidente e pedir-lhe permissão para continuar essa ardua tarefa.



—Não precisa licença, continue pois desejo conhecer estês dois catões.

—Sim, capitão, senão tão sabios, mais falladores.

Voltarei.

### Versos de um caixeiro de taberna.

Eu sou um triste caixeiro,  
Não tenho tempo p'ra amar!  
De dia estou no balcão  
A' noite vou dormir.

Não tendo tempo d'amar  
Que alegria posso ter?  
Preso somente ao balcão  
Como é triste o meu viver!

Despachando aos freguezes,  
Não fica tempo p'ra nada;  
Que alegria hei de ter  
Sem poder ver minha amada?

A noite é para dormir,  
Sobre a taboa do balcão;  
Depois que me toma conta  
Da vendagem o patrão.

Si assim a sorte quer,  
Minha sina hei de cumprir,  
Não tenho outra officina  
Para esta vida nasci.

Como é triste o meu viver,  
Nesta maldicta prisão!  
Noite, dia, todo instante  
Sempre triste no balcão.

Quando me lembro da amada  
Logo me ponho a chorar,  
Choro por ausente della,  
Um abraço não lhe dar.

Choro por tanto padecer,  
Nesta taboa de balcão,  
Oh, que vida a de caixeiro!  
Oh, que horrenda prisão.

Quando o patrão me diz:  
Caixeiro va passeiar,  
Eu corro mui satisfeito  
E me vou logo apromptar.

—Sr. capitão, não viu na passagem do Riachuelo o homem de braço torto dar café ao seu cachorro na chicara, á vista de tanta gente?

—Nem vi, nem creio, pois já era tempo de ter vergonha.

—E mesmo pela sua posição; porque em outro tempo o homem de *chapeu armado* não daria de beber a um cachorro na mesma chicara ou pires em que elle se servia.

—Mas hoje não é assim; e á *mira* na praça do riacho-Élo *anda* envergonhado pelo que lhe aconteceu.

Dizia um certo capote  
De S. Francisco no adro:

«Em toda egreja em que entro  
«Hei de vêr sempre este quadro!»

—Me diga qual é o quadro  
—Que você sempre está vendo?  
—Para ver si é o que penso  
—Pois me está parecendo.

«Um homem e uma mulher  
«Sentados sempre juntinhos,  
«A se olharem ternamente  
«Como um casal de pom.binhos.

«Mas um é pombo corujo,  
«E a pomba amarellinha,  
«Tirando um pouco á escuro  
«Côr de sujo de gallinha.

«Elle na ponta de um banco,  
«E ella ao pé repimpada  
«Na cadeirinha; uma perna  
«Delle, nella encostada.

«Na egreja da Conceição  
«Reclinado á *uma* columna  
«E ella junto. Oh, senhor.  
«Tanto escandalo repugna. »

—Que se importa, si o peccado  
—E' delles, que fazem isto?  
—Que mesmo dentro do templo  
—Offendem a lei de Christo?

—Capitão, não me dirá?

—O que, abelhudo?

—O mathematico da *estrada* não recebeu dinheiro para calçar certa ladeira afim de subirmos e descermos com *boa viagem*?

—Dizem; si é certo, não sei. Ha novidade?

—E' que ninguem pode transitar pela dita ladeira sem rezar a oração de Nossa Senhora do *Mont-Serrat* para livrar-se de todo mal; entretanto que grande porção de dinheiro tem se gasto e o dito mathematico da estrada todas as vezes que vem governador novo diz em sua lingua atrapalhada: «*eu sangra governo para dar dinéro p'ra concerto d'estrada.*»

—Eu não crimino o tal mathematico da estrada, porque com effeito assim só na estrada; porém sim a quem manda buscar semelhante servente de pedreiro que vem para esta terra devorar dinheiro.

—Já que o homem recebeu os cobres e não deu conta da obra, capitão, mande-o recolher á bordo até que se resolva a cumprir com seu dever.



Na vaga do Exm. Sr. Dr. Fernandes da Cunha apresentam-se candidatos a deputado geral os seguintes cidadãos:

Dr. Mon-Bom.  
Mr. Perne Corte.  
Quarenta Portinholas.  
Dr. Sillogismo.  
Dr. Crioula dos Reis.  
Major Diabo Coixo.  
Dr. Bom Senso.

### Motte.

*Amor de frade faz medo  
Fujam delle a desfilada,*

GLOSA.

Em uma tarde, inda cedo,  
Ia um frade, e sua bella,  
Grita outra da janella  
*Amor de frade faz médo:*  
Amor de frade é bem quêdo  
Lhe torna a moça enfiada:  
Que importa, lingua damnada,  
Que eu passeie com elle assim?  
Dexem-no só para mim  
*Fujam delle a desfilada.*

*O Sacristão*

### MOTTE.

*Da terra cahí no chão.*

GLOZA.

Eu sonhei que um genio baço  
Aos ares me conduzira;  
Na lua trepado eu via  
A terra gyrar no espaço:  
Mas sentindo o vento escasso  
Transformar-se em furacão,  
O mar bramir, e o trovão,  
E os elementos em guerra:  
Da lua tombei á terra  
*Da terra cahí no chão.*

## VARIÉDADES.

### Banquete legislativo.

—Ora bem: tomem assento.  
Meus senhores, por quem são!  
Co'este festim não se mangue!  
Por vinho—eis da patria o sangue,  
Carne—temol-a a da nação!  
—Não haja pois cerimonia,  
Que isto tudo nosso é:  
Retumbem ardentes vivas:  
Eia—sús, bravos convivas!  
Copos cheios!—evohé!  
A meza é lauta, bem vêdes:

Coma-se pois a fartar!...  
Aqui não ha sacrificio:  
Inda que haja desperdicio,  
Ninguem nos vem censurar....

Estejamos á vontade,  
Bem como em casa se está:  
Ponham-se á fresca, senhores,  
Não temos aqui censores;  
A quem dar contas não ha....

—Mas si souber o governo  
D'isto que por aqui vae....  
—D'isto o que? pois ha quem possa  
Fazer-nos a menor mozza?  
D'esta altura não se cae!...

—E si o povo ouvir de fóra  
Esta nossa confusão?!  
Ora o povo! o povo é nada...  
Co'uma simples palitada  
Tem-se-o fechado na mão...

—Primeiro que tudo —um brinde  
Para o qual peço calor:  
E' cousa que a todos falla,  
Que a qualquer de nós abalá,  
Que tem p'ra todos valor.

—O meu brinde é ás potencias,  
Que mandam nas eleições.....  
A ellas todos devemos  
A importancia que temos,  
E a marca de figurões!

—Peço a palavra: não posso  
Tal brinde corresponder!  
Basta de taes defferencias:  
São por terra as influencias  
Dos circulos ante o poder!

—Pois bem: mas est'outro brinde:  
Ha de merecer-vos fé:  
Tem echo em todos os seios;  
Portanto—copos bem cheios,  
E todos, todos de pé!

—Sim, bebamos á saude  
Das actas, das transacções!  
—Este sim! bôa lembrança!  
Tem com toda segurança  
Echo em nossos corações!

—Mais um:—á saude, amigos,  
Das parêdes!—Muito bem!  
Eu de jubilo me confundo!  
Dos copos vejam-se o fundo  
E não se escuse ninguem!....

—Parêdes... sim as parêdes!...  
Vivam ellas! evohé!  
E' de virar... as torneiras!  
E das nossas algibeiras  
Beba-se á saude ao pé!....



—Misericordia! não vêdes  
Alli no lecto o que está?!  
Cabalistica escriptura  
Uma dextra negra, escura,  
Vêde-a, gravando acolá!...

—Vem por certo a nossa orgia  
De cima amaldiçoar!...  
Atiremos copos fóra...  
E' a mão negra de outr'ora  
No festim de Balthasar!

(Notas perdidas.)

### Resposta adequada.

Certo doutor, um pouco ousado, indo de viagem ao chegar a uma porteira avistou um matuto, e gritou lhe asperamente:

—Sio! Olá! abra essa porteira!

—E quem é o senhor para mandar-me desse modo? acudiu o matuto algum tanto zangado.

—Eu sou um doutor.

—O que vem a ser um doutor?

—E' um homem que sabe tudo.

—Pois então, deve tambem saber abrir porteiras, disse o matuto voltando-lhe as costas.

Dizia o regedor D. João da Silva que quem entrava em demandas, entrava rico e sahia pobre; entrava honrado, sahia deshonorado; entrava christão e sahia mouro.

Querendo duas mulheres confessar-se, ajoelham aos pés de um padre, procurando cada uma dellas ser a primeira, e empurrando-se reciprocamente: o padre para pôr termo a semelhante contenda, disse; fique a mais velha; immediatamente levantaram-se ambas.

### A camara ardente.

Perguntando uma senhora a outra muito presumida e que blazonava de esperta, se já tinha ido ver a *Camara ardente* á rua dos Condes em Lisboa, esta respondeu: —Deus me livre! nem tenho tal tenção. Como as noites são frias, receio constipar-me á sahida.

—Lê-se na *Semana Illustrada*:

Dialogo entre um pelludo e um pellado:

—Olá, amigo, anda de calva á mostra?

—E você não se atreve a mostrar a sua?

—Deus que lhe despoçou a cabeça...

—Por fóra. E o que fez elle a sua lá por dentro?

—O certo é que a sua montanha é esteril, e a minha productiva.

—Ah, meu caro; nos rochedos calvos pou-

zam aguias, nos que tem capim pastam burros.

### ○ somno e os sonhos.

E' indubitavelmente o somno a vida da noite, e bem pode se dizer que o leito é o mundo das sombras.

No somno ha flores, campos, mares, arvores, passaros e bosques; no somno chora-se, canta-se, ri se, falla-se e ama-se.

O reu de morte, quando dorme, vê as imagens fatidicas do cadafalso e do algoz. O amante vê a imagem querida da mulher que adora. O desgraçado vislumbra ás vezes um raio de esperanza. As crianças sonham com a musica e com os jogos com que se entretem. As mulheres velhas com um meio de se tornarem moças. As jovens com os caprichosos enfeites que lhes realçam a formosura. A mãe sonha com as filhas. O philosopho com as illusões perdidas, e o velho com os dias formosos de sua juventude.

São sempre as mais bellas as creações sonhadas.

Teme o criminoso o somno, porque nelle ouve o grito da consciencia.

Feliz o somno do artista, porque d'elle fluctua um mundo de inspiração, d'onde expandem raios de gloria.

Feliz o somno da criança, que só lhe reproduz flores, candidez e mysterios! Feliz o somno das mulheres que lhe guarda os segredos e que lhe pode sorprehender as lagrimas, os sorrisos e os suspiros.

Aves e flores vivem sempre pouco, porque não pode a innocencia ficar por muito tempo no mundo.

Anjo que vae em demanda da patria é a criança que morre.

A innocencia é a flor da alma que emmurchece ao sopro das paixões, e quando estas se agitam, então d'alma se desprende e voa para o ceu que é a sua natural morada.

### Motto.

Amar a duas pessoas,  
Não pode um so coração;  
Formou Deus uma só Eva  
Por ter feito um só Adão.

GLOZA.

Entre a lei da natureza  
E' a primeira o amor,  
A qualquer que vivo for  
Deixar de amar é fraqueza;  
Terno laço da belleza  
E' prisão das almas boas;  
Porém cingindo as corôas



Deste Deus a quem venero  
 Não é de um peito sincero  
 Amar a duas pessoas.

No fundo do salso mar  
 Seus mesmos habitadores  
 Juntinhos de seus amores  
 Procuram se propagar!  
 Quem é que deixa d'amar?  
 O tigre, o lobo, o leão  
 Vivem em doce união,  
 Se afagam a cada instante!  
 Viver e não ser amante  
 Não pode um só coração.

Mas quem tem um coração  
 Um só amor deve ter,  
 Não pode por dous soffrer  
 O fogo de uma paixão:  
 Quem tem esta opinião  
 Nos males d'outrem se seva,  
 Onde ha paz desordem leva,  
 Calca as leis do creador;  
 Pois para exemplo de amor  
 Formou Deus uma só Eva.

Assim pois um peito amante  
 Fuja de ser bandoleiro,  
 Seja em tudo verdadeiro,  
 No amar seja constante:  
 Das aras d'amor diante  
 Tenha preso o coração;  
 Mas não tenha outra paixão;  
 Pois o Deus que nos creou  
 Uma só Eva formou  
 Por ter feito um só Adão.

J. A. C.

## ANNUNCIOS.

### Associação Typographica Bahiana.

De ordem da mesa provisoria convido aos senhores associados a reunirem-se em assemblea geral, quinta feira 18 do corrente, ás 10 horas da manhan, na casa n.º 17—B, á rua do Pão-de-ló, afim de dar-se posse ao novo conselho administrativo; visto como não pôde ter logar no domingo 14, em virtude do mau tempo.

Bahia 15 de Maio de 1871—*Hypolito*, 1.º secretario.

Ha nesta typographia, para entregar em mão propria una encommenda para o Sr. José Salustiano.

O Sr. Antonio Luiz Monteiro queira mandar receber uns recibos que existem nesta typographia para S. m.

### Escravo fugido.

Fugiu do abaixo assignado de seu engenho Baião na noite de 7 para 8 do corrente, sua escrava crioula de nome Calixta, de 45 annos mais ou menos, com os signaes seguintes: estatura regular, corpo cheio, musculosa, tem no tornozelo do pé direito um caroco á especie de lobinho. E' bastante ladina e feia de cara. E' filha do sertão e já esteve na correção quando foi do Sr. José Pedro de Souza Paraíso, a quem foi comprada ha pouco tempo: consta já ter sido vista aqui na cidade. Será gratificada com 20\$ rs. a pessoa que entregal-a ao abaixo assignado em sua fazenda no Camassari, ou nesta cidade na loja do Tabyra as grades de Ferro, ou no armazem do Sr. Antonio Vallido Dantas.

Bahia 10 de maio de 1871, *Joaquim Dias de Figueirêdo*.

—Na verdade é honesta a viuva.

—Que viuva?

—A da rua calçada de *tijollo*.

—Como de facto, nem só o é, como boa christan. Faz suas charidades, ouve missa, confessa-se, e é moça de bons costumes.

—Olhe que ella é velha e não moça; porém ao chamar-se-lhe velha fica affectada.

—E a quem se confessa ella?

—Não, o pretinho de Grotas confessa-a em casa, e por isso deve ter boa exportula.

—Quall elle por ser bom religionario, nem só lhe faz esta charidade gratis, como comeorre com algum obulo para compra de seus alfinetes; na verdade é boa mãe de familia, e dá bons exemplos a seus filhinhos tão jovens ainda.

Fugiu desde o dia 19 do passado, da cidade de Santo Amaro, a escrava Maria, de nação nagô; foi escrava do finado Godinho, é alta, magra, fula, de olhos grandes e avermelhados; tem algumas pinhas de cabellos brancos e dentes muitos certos; já foi vista no Cabulla; quem a levar a Camillo de Lellis Piedade, ou Carneiro e Machado nesta cidade, ou a seu senhor em Santo Amaro, receberá 20\$ réis de gratificação.—*Francisco José dos Santos*.

O Sr. Carvalho tem uns recibos nesta typographia.

O Sr. tenente Luiz Constantino Tavares de Macedo, tem uns recibos nesta typographia para lhe serem entregues.

Na venda defronte do Pelourinho n. 4, compram-se constantemente jornaes para em-  
 brulho.



# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 80.<sup>a</sup>

SABBADO 26 DE MAIO.

N. 792.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1.º rs. por serie de 10 numero; 5.º rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 19 de maio de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, para que se digne de dar providencias contra o enxame de membros do olho-vivo saccadores de carteiras, que frequentam o circo nas noites de espectaculos, e que alli vão exercer a sua industria em alta escala. Espera-se que S. S. tomará na devida consideração tão justa reclamação.

— Ao Illm. Sr. inspector do trem do mar.—Constando que certo negociante arrematara o fornecimento de colchões para o hospital desse arsenal, obrigando-se a apresental-os no mez de março, o que até a presente data não tem feito, soffrendo com isso os respectivos doentes, sirva-se S. S. de informar si é exacto, e qual o motivo que actúa a favor do fornecedor para não lhe ter sido imposta a multa em que tenha incorrido; muito embora o referido contractante por seus dotes pessoas seja digno de ser amado.

—As medidas de utilidade publica são escriptas no papel, mas executadas não.

—Neste ponto estou de accordo com V.; mesmo aquellas exigidas pela salvação publica não se cumprem.

—Ha pouco eu li entre as precauções tomadas contra a febre amarella, mandar-se remover os esterquilinos, extinguir-se as montureiras do centro da cidade, fazendo-se menção entre outras da do becco da Ordem 3.<sup>a</sup>

—Exacta verdade.

—Pois o becco da Ordem 3.<sup>a</sup> está que faz nojo.

—Culpe ao homem da limpeza, que faz que não vê.

—Que maldicto caiporismo o desta terra!

O povo abusa; quem tem obrigação e ganha dinheiro, esquivava-se de seus compromissos;

e desta sorte não ha meio das cousas tomarem geito.

—Um risco de que ninguem está isempto é da mordidella de algum cão.

Não sei de onde surgem tantos desses animaes perdidos.

—Andam aos bandos pelas ruas.

—Alem das scenas improprias de serem presenciadas pela infancia e candidez, scenas que são avivadas pela assuada dos moleques, a multidão de cães que povoam as ruas iavestem e mordem á quem passa.

—De noite é um perigo.

—Na quinta-feira foi mordida uma creança no largo da Piedade por um desses animaes que vagueam sem dono.

—O Evaristo das bollas e stuma uma vez por outra sair em visita exterminadora de tão encommoda praga; requisiite ao Sr. Dr. chefe de policia que o incumba de dar conta della.

—Queixam-se os moradores do Matatu e adjacencias dos continuos roubos de cavallo.

So nesta semana leyaram dois; um da casa do Sr. D. Luiz.

—Aguentem, que por ca que não é matto, a cousa não vae melhor.

E depois, mal de muitos, consolo é.

—Um factio abominavel, capitão.

—V. tambem é um aza-preta, em noticias.

—E' que o principio do mal exerce uma tal preponderancia sobre o espirito humano que o faz propender para a iniquidade, e por isso ha sempre mais abundancia de casos tristes e deploraveis.

—Vamos, avie-se.

—Na villa de S. Gonçalo, Piauhy, um monstro, com figura humana, commetteu um crime hediondo que apresenta tres faces como o Cerbero da fabula.

Uma menina foi deflorada.

Aos quatro annos de idade.

O infame que perdeu-a foi seu proprio pae.



— Monstro! .

— O *Amigo do Povo* conta assim esse requintado excesso de perversidade humana:

« **ESTRUPRO.**—Cerca de dois para tres annos reside n'esta villa, e as vezes nos suburbios, um ente vulgarmente chamado—Escorréga—, que tem se constituído um outro João Burundanga--algôz da honra de quanta menina donzella e casada--existe por aqui; havendo apenas uma differença: João procura as Ambrosinas, as Tripas e as mulheres do Ildefonso, e o monstro--Escorréga--as proprias filhas! E' horrenda a narração d'este facto; mas é pura verdade. No dia 13, a mulher do Escorréga, veio denunciar ao juiz municipal, que o monstro do marido havia deadorado uma filha de 4 annos de idade!!!.....

O juiz mandou vir á sua presença a pobre creancinha, que, sendo examinada por duas mulheres, viu-se estar com as carnes dilaceradas, as partes pudendas rôxas e bastante inchadas, a ponto de só caminhar com as pernas abertas!

Está o monstro sendo processado, mas para elle, entendemos, ainda é pequena a pena do art. 222: para crimes d'esta ordem, que revoltam a propria natureza, ainda não existem penalidades, que satisfaçam! A mulher ha muito que vive separada d'elle por cauza do segundo defloramento d'uma filha; e só por ser mui pequena a infeliz de que ora fallamos deixou ir a passeio em casa do maivado pae, que não tendo mais presas para saciar o infernal e bruto appetite--lançou as garras n'uma innocente que causa pena ver-se o seu estado, e a confissão que faz--ainda tomada de medo e terror, do horrendo monstro, que se diz autor dos seus dias! E' o suprasummo da mizerabilidade!

—Deus me livre de habitar n'uma terra tão cheia de iniquidades, onde até um tal Bom Cabello tem a perversa impiedade de ir dentro do templo injuriar e pisar o cadaver de um seu desafecto por vingança.

—Nesta terra todos concorrem para o desequilibrio da ordem social.

Si as authoridades por um lado exorbitam de suas attribuições, a população por outro posterga as disposições legaes.

—Quem lhe encommendou esta cantilena?

—Sabe-se que ninguem pode andar munido de arma offensiva; mas essa disposição da lei é flagrantemente violada.

—La isso tem razão.

Actualmente qualquer sujeito, na rua, nos botequins, nas pocilgas, pueha por um punhal, uma faca, um revolver sem a menor cerimonia.

—Mostram até por garbo; eu tenho visto. Nas noites de sabbado e dias santos, os badermistas andam todos armados e á menor altereação, deixam ver a lamina de um ferro.

— Isto mesmo é falta de policia.

—E' bem assustador semelhante estado de causas! Não ha receio da sanção penal, e a prova está em que pelo mais simples motivo vê-se um individuo puehar por uma arma mortifera.

—E' exacto.

—E a consequencia é que os crimes augmentam e a segurança individual vive em continua ameaça.

Deixe lhe dar uma prova.

Um dia destes, sexta feira passada, si bem me recordo, João Miguel, empregado no matadouro, articulando com Athanasio d'Almeida, saltou o balaço de uma venda e foi direito a um logar donde tirou uma formidavel faca com a qual lançou-se sobre Athanasio e correu lhe tres facadas, as quaes felizmente pela destreza do aggreddido, triscaram-lhe apenas rasgando a roupa.

Não contente, dous dias depois, foi esperar seu contendor e deu-lhe quarta facada que foi aparada na mão.

—Porém devia haver motivo.

— Não quero entrar nessa apreciação; nem mesmo quero saber dos dous qual tinha razão; so digo que é um desacato, uma desobediencia a lei e que a policia não deve tirar os olhos de sobre essa immensidade de individuos que actualmente andam armados, principalmente á noite.

— Capitão, eu venho aqui em nome da humanidade.

—Diga o que quer.

—Terça feira foi barbara e deshumanamente espancada uma moça por um seu irmão, na ladeira do Alvo; a offendida acha-se gravemente.

—Porque não vae ao chefe de policia?

—Capitão, V. Ex. que condemna os excessos e os meios brutos e illegaes, melhor do que eu poderá fazer chegar sua valiosa voz ao digno magistrado e pedir lhe as providencias que o caso requer.

—Bondade sua; mas conte que de minha parte está servido.

—Capitão, si é exacto que no trem do mar se dera a reproducção de uma scena á Jovino, é preciso chamar para esse hediondo facto a attenção do digno chefe daquella repartição.

—O que diz V. que eu não entendo?

—Está cheio por ali que um menino filho do crioulo funileiro Colatino fôra victima de lubrica incontinençia e que se acha gravemente offendido.

—Si é verdade, não resta mais do que reclamar severa punição para o delinquente, para moralidade do estabelecimento e exemplo dos sectarios de tão ascoroso vicio.

— Amanhan o circo gymnasio *Auriol* dara um divertimento acrobatico em seu beneficio, o qual constará dos seguintes trabalhos:—As.



estatuas humanas, Os quadros nas nuvens, São-são e seu filho.

Depois de um intervallo de vinte minutos, seguir-se-ha: — *O banço indianno, O voo rapido do Niagára, dando fim ao divertimento uma scena comica intitulada: — O defunto vivo ou o phantasma á meia noite.*

Os bilhetes achar-se-ha á venda na porta do mesmo circo.

### As cazas de pasto.

O grande dispensador de todas as cousas e de tudo, não podia dar maior trabalhadeira ao homem, do que creando-o com a necessidade quotidianna de comer. Melhor seria que determinasse a cousa por outra maneira, para que não andasse a gente n'este mundo sempre tão afadigado para comer, sempre procurando o que comer, e sempre atrapalhado com historias de comidas. E' a barriga um credor que não espera, nem recebe ficas e letras com premios: tem direito positivo de sequestro contra a vida, que em não sendo paga, vai se apoderando d'ella com a maior sem cerimonia possivel,

D'esta necessidade pois que tem a creatura de metter alguma cousa para dentro da barriga, maquina que não funciona, logo que se acaba o carvão com que se alimenta, lançaram mão os outros homens para seus interesses, e formaram isto que se chama — uma casa de pasto, que quer dizer, caza onde se vai matar a fome, si é que a fome morre. A fome é como uma d'estas feridas de perna que ja não tem cura: sáram algumas vezes, mitigam-se as suas dores, para d'ahi ha dias arrebentar inda mais terriveis, mais flagelladoras. Cuida o homem matar a fome, e engana-se: aquella que morreu pela manhan abafada com um bom e succulento almoço, pelas duas horas reviveu e reclama seus direitos.

As casas de pasto são uma providencia para os forasteiros, e uma fonte de prazer para aquelles que collocam no comer a felicidade maior da vida. Ellas corroboram ao que para lá corre no lidar de seus negocios, e debaixo de sua taboleta se occultam muitos enganos, pois que inda debaixo do nome mais santo, occulta o homem uma maldade, é nada existe de que elle não lance mão para seus tristes e mesquinhos bens. Na vida tudo é impostura, e poder-se-ia chamar á este mundo uma gerigonça mal preparada em suas bazes, e ornada bellamente para illudir á todas as vistas.

Que seria de um pobre viajante, com fome velha e atrazada, si não viesse encontrar na caza de pasto, o alimento necessario para recuperar as perdidas forças? Elle entra, quer comer, nada pergunta, e com taes freguezes

se locupleta o dono da caza de pasto, pois é o unico negocio que tem os privilegios de botica. Não se pede quebra, nem se replica no preço: depois do guizado engolido, é necessario engolir, embora custe a passar da garganta, o preço d'elle. Contudo é bem bom achar o que comer sem o menor trabalho.

Uma casa de pasto, onde se preparem bons petiscos, onde o que sobe na escada já sente o cheiro agradavel dos bifes de sebolada, é o objecto constante das reflexões dos gastronomos. Assim como ha homens que vivem para as mulheres, outros cujo gosto é o estudo, e assim por diante; ha por abi muito menino-rio que nada tem em tanta estima como um bom petisco, fazendo da barriga seu Deus. Para tal classe de gente, uma casa de pasto é uma preciosidade que estima, e que visita todos os dias, e sempre com o maior prazer.

O caxeiro que almoça um mirrado pão, porque o amo é um sovina; que empurra esse pão pela goella a baixo com uma desenxabida chicara de agoa quente com privilegios de chá, somente porque passou pelo bico do bules; este caxeiro que já ás 10 horas do dia tem fome de 3 dias, muito teria a soffrer sinão tivesse á sua disposição as cazas de pasto, que presentemente se tem estabelecido por toda parte, graças a necessidade que tem a creatura de comer.

Finalmente, como já fica dito, de tudo e de todas as cousas abuza o homem. O ladrão é capaz de ir esconder o seu furto debaixo do altar para que elle não seja descoberto. A mulher lança mão dos beijos, signal de amor e amizade, para encobrir ao marido a sua infamia. O estudante se serve do respeitavel nome de seu pai, para disfarçar a mentira, e encobrir a gazeta d'aula que fez. O negociante jura que tal fazenda lhe custou tanto, pelo ganho de alguns vintens. Assim, que muito é que se tenha abuzado da taboleta da caza de pasto, para esconder muitas vezes um commercio illicito e altamente reprovado pela sociedade, que olha para ellé como um cancro que a rõe e despedaça?

A policia da nossa terra, as mais das vezes anda á maneira de cebra cega, traz os olhos vendados; porque si assim não fôra veria que em quanto n'uma sala so come, na outra se decide de uma fortuna no correr de uma carta, ou no correr de uns dados, e que este nome de caza de pasto, não é mais do que um pretexto de que se servem para illudir e enganar a sociedade, porque ninguem quer se mostrar tal qual é em face d'ella, e é melhor dizer que se entra n'uma caza para comer, o que de maneira alguma é, nem pode ser reprovado, do que dizer, eu entro em tal caza para jogar, e



perder muitas vezes a fortuna que não é minha, que pertencia a meus filhos, que estou roubando a meu amo, ou ao amigo que m'a confiou.

Consideradas porém na force de sua origem as cazas de pasto são uma necessidade, necessidade tanto mais vital, quanto mais o paiz caminha na estrada da civilisação e do progresso.

## A PEDIBO

N'uma destas sextas-feira,  
Houve bello mocotó  
No Bomfim, que offereceu  
A creoula Calombó.

Mandou dizer um missa  
Ao Senhor do Bomfim,  
Por ter vencido a demanda  
Com o Antonio Joaquim.

Das raparigas do quadro  
Não faltou nem uma só,  
Foram todas assistir  
A missa da Calombó.

Henriqueta bravos-olhos,  
Mafalda, Rita e Loló,  
Quininha, todas se acharam  
Na missa da Calombó.

Lucrecia, Antonia das vellas,  
Maria bella vovó,  
Tia Anna e Pulcheria foram  
A missa da Calombó

Foi a *Caquinho de graxa*,  
Foi a *Cobra de sipó*,  
A *Cavallinho de flecha*  
A missa da Calombó.

Maria *caixa de phosphoro*,  
A *Pitilinga*, a *Popó*,  
Foram todas applaudir  
A missa da Calombó.

Foi Anninha Sororoca,  
Leopoldina Carijó,  
Aninha da *Cozeundinha*,  
A missa da Calombó;

Bernardina *Minha sorte*,  
Romualda *Ajotó*,  
Mariquinhas *Carrapeta*  
A missa da Calombó.

Bitú Taóca, e a comadre  
Apezar do seu *bobó*,  
Não faltaram ao pagode  
Da missa da Calombó.

De cabrochas estiveram  
Nonô, Lucrecia, Soló,

A gorda Emerenciana  
Na missa da Calombó;  
Rufina, Emilia Gaguinha,  
Heduviges e Dodó,  
Rosalina *Bom-bocado*,  
Na missa da Calombó;

A Umbellina *Pau d'agou*,  
A Clothildes ou Coló,  
Maria *saia de lucto*,  
Na missa da Calombó.

Esteve a *Fogo apagou*  
A Ritinha *Riguíngó*  
Martinha d'Atraz d'Ajuda  
Na missa da Calombó;

Thomazia do Zacharias,  
Martinha do Pan-de-ló,  
A Maria Juliana  
Na missa da Calombó.

Julia tomou emprestado  
Lenço branco de filó,  
Somente p'ra não faltar  
A missa da Calombó.

Foi pagode de mão cheia!...  
Pois além do mocotó,  
Houveram mais petisqueiras  
Na missa da Calombó.

Houve cerveja por borra,  
Porto fino, pan-de-ló,  
Queijo, doce, não faltou  
Na missa da Calombó.

Porem foi mais saboroso  
De tudo quanto lá tinha,  
Uma iguaria chamada—  
*Me-deixes* de creoulinha.

O samba foi de patente!  
De fazer arrebatat, . . .  
De pôr um filho de Deus  
Perdendo o modo de andar.

Me recorde bem da chula  
Que Bernardina entoou:  
*«Coitadinho de yóyó!*  
*«Cahiu n'agou se molhou.*

E a chusma, contentissima  
A não mais caber em si,  
Respondia folgasona:  
*«Cahiu n'agou?! Hí! Hí!...*

Ja sabe, a rapazeada  
Lá esteve *cocorando*;  
E cá o filho da velha  
Só por fora observando.

Agoando por um cantinho  
Nessa folgasona festa,  
Mas apenas viu co'os olhos  
E pode comer co'a testa.



# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 80.ª

QUARTA-FEIRA 23 DE MAIO.

N. 795.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 3\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 23 de maio de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento que Izabel de tal, parda, moradora em S. Gonçalo, districto do Rio-Vermelho, queixa-se de violencias e aggressões por parte de seu visinho Emydio, o qual uma destas noites chegou ao ponto de dar um tiro para dentro da casa da mesma, resultando-lhe grande susto e abalo no organismo em razão de se achar gravida, pelo que desde essa occasião se acha de cama.

Espera-se que S. S. expeça ordens a autoridade local para que faça respeitar o domicilio e segurança individual.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe a expressa prohibição das *rifas* de vender foguetes, afim de evitar os casos desagradaveis á que as mesmas dão lugar, como accoteceu na sexta-feira, que ficou toda chamuscada a crioula Maria dos Passos defronte do chafariz do Pelourinho.

(De egual theor aos subdelegados das demais freguezias.)

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia da Penha, pedindo-lhe que intime a um tal Sr. Cardoso, morador no caminho d'Areia, em Itapagipe, para que tenha presos tres fe-rozes cães, que o mesmo possui em sua roça, os quaes sahem para a estrada á morder os viandantes; o que tem accotecido até com pessoas moradoras em sua vizinhança, como uma rapariga que, consta, ser ama do Sr. Seixas, a qual a roupa que tinha no corpo foi estrefegada pelos bravios animaes.

O Sr. Esquivel, no sabbado as 11 horas da noite, tambem foi d'essa malta ivctima de cães, regressando para sua casa, resultando quebrar a cabeça na grade do jardim da casa fronteira á em que habita o Sr. Cardoso, na occasião que tractava de desenven-cilhar-se delles.

Espera-se que S. S. dará as providencias precisas, afim de que o Sr. Cardoso tenha presos os seus cães.

—O Sr. Malaquias José dos Reis, de cujos bons sentimentos á respeito da emancipação servil tem dado evidentes provas, remetteu para a imprensa jornalistica desta cidade um trabalho que organisou, contendo o numero de alforrias que se deram durante o anno findo, por meio de verbas testamentarias.

Por elle vê-se que foram libertaads 33 pessoas: 21 do sexo feminino e 12 do masculino, sendo destas alforrias 7 com condições.

—Eu gosto quando vejo o entusiasta de uma ideia mostrar assim por factos a dedicação que por ella toma.

—Da repartição da directoria dos estudos recebemos um bem elaborado e minucioso relatorio sobre a instrucção publica na provincia, pelo digno director da mesma.

—Acceitando e agradecendo a lembrança, manifestamos ao mesmo tempo os desejos que temos de que sob a direcção de S. Ex. a instrucção progrida e chegue ao ultimo grau.

—Os deputados provinciaes nas ante-salas e não ha sessão por falta de numero!

—Oh! como é moralisador o procedimento dos dignos representantes da provincia no anno de 1871!

—Pobre terra! Como se advoga os teus interesses! Como se economisa as tuas rendas!

—Na noite de 22 foi roubada em sua morada á ladeira do Alvo, uma africana que negocia em pannos da Costa.

Os ladrões penetraram em casa e levaram quanto poderam.

—Sexta feira seis ou oito invalidos armados de cacetes andaram fazendo diabruras, No Gravatá deram bordoadas de cego.

—E esses factos passam-se nesta cidade inteiramente desapercibidos da acção policial!



—Domingo houve candomblé em um dos chamados *terreiros* na Quinta das Beatas.

—E ainda ha até domingo em que vão *meter a mão no azeite*.

—Foi a sahida de quatro *filhas da casa* que á seis mezes estavam na *casinha*.

Como o lugar é perto da cidade, affluio grande concurrencia de gente de toda laia.

—Eu pasmo de ver como é que nesta terra ainda se tolera semelhantes ajuntamentos.

—E' a reunião do vicio, do deboche, da embriaguez e do fanatismo.

A clarque desenfreiada, excitada pelos liquidos espirituosos poz em scena alli desta vez tudo que ha de desenvolto e turbulento.

—E a policia que authorisa com uma licença essa serie de escandalos, põe-se na moita, e deixa os desordeiros livremente.

—Houveram grandes desordens, domingo nas Quintas, muita pancadoria, cabeças quebradas, facas fora, revolver etc.

O dono das terras appareceu para accomodar o barulho e foi carregado pelos *santos* nas cabeças dos *vuduns*.

—Alem das praticas grosseiras e fanaticas, em que se envolvem creaturas educadas na fé do catholicismo, alem do menos-preço a religião, alem das scenas contra a moral, a decencia e a castidade, alem de tudo isso que occultamente passa, ainda ha mais contra os candomblés, da parte de fora, o desenfreamento daquelles que os vão assistir.

—Mas a policia apezar de tudo, dá licença para elles.

—Segunda feira estava um homem de punhal palmeado na porta de uma venda.

Fosse por que fosse, o indicio não era de boas intenções,

—Parece assim.

—Um inspector de quarteirão manda comunicar por escripto na guarda da repartição da policia e pedir uma praça para effectuar a prisão do delinquente e lhe é negada.

Dirige-se em pessoa a guarda, e expõe o que ha, o commandante diz-lhe «va o Sr. mesmo ao Terreiro e chame uma praça; mas ahí de seis ou oito soldados que estavam sentados em baixo das arvores, sem nada fazer, todos respondem: «não vamos lá!»

—E' a policia coadjuvando aos sicarios no seu trilho criminoso.

—Capitão, o capellão do 14.º batalhão de linha e o Sr. Tourinho, empregado d'alfandega, queixam-se que foram no domingo, pelas 8 horas da noite, accommettidos por seis individuos na estrada da Graça, os quaes presumem elles serem larapios.

O Sr. Tourinho levou delles uma cacétada, que aparou no braço esquerdo, ficando por isso com elle bastante maltractado.

—Elles que se vão queixar ao Sr. Dr. chefe de policia.

—Na sexta-feira, na loja de livros do Sr. Catilina, o portuguez Velloso, socio da casa commercial Velloso & Irmão, consta, offendera no rosto ao brasileiro Novaes, irmão do Sr. Henrique Pinto de Novaes.

—E porque?

—O brasileiro Novaes louvava o procedimento do imperador, em agradecer os dous mil contos propostos na camara dos deputados para sua viagem a Europa.

—O portuguez Velloso, porém, reprovava esse procedimento?

—Justamente, fazendo até injustiça ao character do monarcha.

—E n'isto....

—.... Novaes massou-se e disse-lhe:

«E' preciso ser muito estúpido para desconhecer o character patriotico e de verdadeiro brasileiro do monarcha.»

—E foi somente por estas palavras proferidas por Novaes, que o portuguez Velloso se julgou com o direito de desfeiteal o?

—Não assisti á esse facto, mas assim asseveram as pessoas que o presenciaram, e não é essa a primeira pessoa a quem o portuguez Velloso tem desfeiteado!

—Pois bem: fique estampado mais este facto que é para amanha o Sr. Loureiro poder dizer no seu *Salamaleck*, que são os brasileiros que insultam e ultrajam aos portuguezes!.....

—Venho noticiar-lhe um facto de um exemplar agente d'authoridade.

—Isso é verso ou reverso?

—O Sr. dirá depois.

No domingo o subdelegado de Sant'Anna, encontrou em casa do inspector de quarteirão João Pinto Coelho, ao Caquende, o pardo Leandro em deploravel estado.

Acorrentado, esfarrapado, immundo, ircommunicavel, esse desgraçado vivente curtia transes mortificantes no carcere em que a crueldade de seus algozes o retinha á seis mezes.

—Oh, que thuguismo!

Mas á que pretexto era o infeliz assim constrangido?

—Por ordem de D. Maria Emilia dos Reis Belens, que se diz sua senhora, havendo porém pendencia sobre a verdadeira condição do paciente.

—E a Sra. Belens em logar de provar pu-



blicamente seu dominio sobre o infeliz Leandro, de tel-o; por segurança, em uma prisão publica, entendeu que a melhor maneira de assegurar seu direito era consentindo que se martirisasse as occultas, nas trevas, o desgraçado homem

—Na sexta-feira, depois de meia noite, quatro soldados de policia prenderam a um preto que conduzia um furto. Ao chegar em Nazareth, á porta do senhor, o preto gritou, fez alarido, e o senhor deste sahindo para a rua acompanhado de toda gente de casa, tomou o preso do poder dos soldados, os quaes foram obrigados a ceder á vista do numero e das ameaças.

—Enganou-se; o militar no cumprimento do seu dever, morre mas não cede.

—Mas acha que foi legal esse acto de violencia contra a força?

—Nem por sombra.

O senhor do escravo daria uma prova de respeito á lei não se oppondo a que fosse preso seu escravo que a tinha infringido. No outro dia tratasse de solta-lo.

O objecto furtado ficou tambem?

—Não sei.

—Elles apregoam tanta obediencia a lei quando o negocio é com algum pobre.

Quando o raio lhes bate á porta, nada respeitam.

## A PEDIDO

Publicou-se o regimento  
Das raparigas solteiras,  
Que tem de no Amasonas  
Guarnecer nossas fronteiras.

Ficaram muitas porem,  
Com razão, bem agastadas,  
Por não terem tambem sido  
Na proposta contempladas.

Por isso de voluntarias  
Um batalhão vou formar  
Bem luzido e denodado,  
P'ra na traseira marchar.

Principio concedendo  
As honras de commandante.  
A Alsina Pinga-pinga,  
Por ser gulosa e chibante.

Emilia Fontes *cincoenta*,  
Tem de major a chefança,  
Por que já sendo madura,  
Quer passar por bem creança.

Por ser mui gorda Procopia,  
Quartel mestre é nomeiada,

Para fazer brilhatura  
Com toda rapaseada.

A cabrocha Ursulina  
Mui liberal e ligueira,  
Por ser prodiga com todos  
Será a porta-bandeira.

De secretaria a patente  
A Guilhermina offereço,  
Por morar no Taboão,  
Rua que tem grade apreço.

Terá Maria das Vellas  
Tambem de ajudante o posto  
Por ser muito conhecida  
Dos rapazes de bom gosto.

Joanna Entrepigaitada,  
Por ser muito interesseira,  
Ficará no batalhão  
Servindo de enfermeira.

A Sacco de loteria  
Servirá como brigada;  
Está Benvinda ás de ferro  
Corneta-mor nomeada.

A Lucinda *coroada*,  
Que honras tem de... sem cabeça,  
Accumulará os logares  
De capellão e abbadessa.

A Anninha de S. Bento,  
Que diz ter mui valimento,  
A quarteleira será  
Só por seu merecimento.

Para instructora nomeio,  
Do caes dourado, a Corôa  
Que apesar de ser bem velha  
Não é lá cousa atôa.

P'ra primeira companhia,  
Por ser a de mais nobreza,  
Nomeio p'ra capitão  
Marcolina, = a Baronesa. =

A Heduviges Vassoura  
E' nomeiada tenente  
Germaninha dos Curraes  
Tem de alferes a patente.

P'ra capitão da segunda  
Henriqueta crameein,  
Pelo seu porte garboso  
E ser creoula *xinxin*.

Tenente desta será,  
Candinha itaparicana,  
Por não gostar de deboches,  
Nem do restilo da canna.

A Maria Juliana,  
Por andar arrelhiada  
Para alferes da mesma  
Passa a ser contemplada.



A *Symphica* Thedú,  
Que morou no Taboão,  
Da terceira companhia,  
Nomeio p'ra capitão.

Tenente desta vai ser  
A pardinha Vitalina  
Visto ter por certa fructa  
*Mui grande fome canina.*

Tambem Joanninha Gomes,  
Da madame costureira,  
Terá o posto de alferes,  
Na companhia terceira.

A Constança estabanada  
Que esteve na correcção,  
Por navalhar um sargento,  
Da quarta é o capitão.

Uma tal sinhá Ritinha  
Com seu olho azanagado,  
Servirá nesta tambem,  
Como tenente aggregado.

Com quanto Tiburcia ande,  
Um pouco no esquecimento  
A faço alferes da quarta  
Para lhe dar vallimento.

Faço capitão da quinta,  
Só pelo cheiro que tem,  
Na boca, Maria Emilia  
Senhora muito de bem.

A Emilia moradora  
Na ladeira das recolhidas,  
E' promovida a tenente,  
Pelas argollas compridas.

Esta quinta companhia  
Ficará completa assim:  
Nomeando para alferes  
A Therizinha de Brim

Para a sexta companhia  
Nomeio p'ra capitão,  
A Izabel do Xixi,  
Por nunca estar no pifão.

O seu tenente hade ser  
A Quatorze bolaxinhas,  
Que amestrada na cuca  
Hade pol-a em chachinhas.

De todas as companhias  
A mais distincta será  
Por ser tambem della alferes  
A Francilina Sarará.

Grande numero de paiorras  
Acompanham o batalhão,  
Uns servindo de cornetas  
E outros.... não digo... não.

—A curiosidade é um habito inherente á  
humanidade.

—A curiosidade de Eva querer saber o gos-  
to do fructo da sciencia, foi causa do peccado  
original.

—Mas como a curiosidade vem do princi-  
pio do mundo, estou que não pode me levar a  
mal querer eu saber uma cousa.

—Ora o que será.

—Cousa muito simples.

Ha duas vendas fronteiras. O dono de uma  
pode se chamar *elle seu* e o de outra *ja sinto*.  
*Elle seu* é multado em 30\$ réis., por deixar  
a venda aberta uma noite depois do toque de  
recolher, ao passo que *ja sinto* deixa a sua to-  
das as noites e nada soffre.

E' que a policia só encherça com o olho que  
fica do lado da venda de *elle seu*.

—Valha-me o Sr. S. *Pedro* com essas dese-  
gualdades!

Chama-se a attenção do Illm. Sr. Dr: chefe  
de policia para um individuo que inculca-se  
de agente secreto dessa repartição, para por  
meio de tal especulação tirar proveito.

Anda pelo Taboão apprehendendo volumes  
que os pretos conduzem e quando acerta ser  
com effeito algum objecto roubado apossa-se  
delle e o vae vender, em logar de o recolher  
ao logar conveniente.

Esse industrioso é conhecido por *Baradó*,

## ANNUNCIOS.

No trapiche 2.º Andrade, vende se taboecas.

Lopes Reis e C.<sup>a</sup> precisam para sua fabrica  
de charutos na rua de S. Bento n. 6, de mu-  
lheres que saibam fazer charutos. Tambem  
admitte aos que quizerem aprender ganhando  
logo que souberam alguma cousa.

### Attenção!

Em vista da pergunta feita em um dos *Ala-  
bamas* passados sobre o inventario do fallecido  
Luiz Gonzaga de Barros, por um dos herdei-  
ros prejudicados, a abaixo assignada filha do  
mesmo fallecido, faz tambem sciente ao pu-  
blico que até o presente nada recebeu dos  
bens pertencentes ao casal, como lhe consta  
que se tem feito propalar, sendo a annuncian-  
te de maior idade e vivendo sobre si nenhuma  
precisão tem de tutor, e por isso deseja que  
o referido inventario se termine amigavelmen-  
te. — *Emilia Carolina de Barros.*

Ha nesta typographia uns recibos para o  
Sr. Assumpção.

Typ. de Marques, Aristides e G.



# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 80.<sup>a</sup>

DOMINGO 28 DE MAIO.

N. 794.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 47.

ASSIGNATURAS:—1<sup>o</sup> rs. por serie de 10 numeros; 5<sup>o</sup> rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 27 de maio de 1871.

Officio ao Illm. Sr. inspektor d'alfandega, pedindo-lhe informação do seguinte:

Si foi despachado nessa repartição um lustre para o alcazar; quanto pagou de direitos; no caso de não terem sido pagos, por quem foram dispensados, e si não importa isso um prejuizo as rendas publicas.

Espera-se de S. S. breve informação para boa regularidade do serviço e restricta fiscalisação da receita do Estado.

—Capitão, um procedimento que V. Ex. incontestavelmente ha de levar a mal.

—Tal seja elle.

—Na quinta feira, um individuo conhecido por D. Luiz, trabalhador na padaria de J. A. Pereira de Vasconcellos, á Quitandinha, espancou deshumanamente a um rapaz dentro da mesma padaria.

Valendo-se de uma acha de lenha, deu para matar; o offendido sahiu da padaria que não podia andar.

—Desde que o individuo abusa da superioridade physica para offender a outrem commette grave atrocidade.

—Eu só estou como se passam estas cousas. Um attentado que devia chamar sobre si a indignação geral, foi presenciado por innumeras pessoas, sem que ninguem se atrevesse a soccorrer o paciente, quanto mais a prender o delinquente.

—Sobre a accção d'authoridade estou que é desnecessario perguntar.

—Nem se cause.

—Na sexta-feira Theodoro José de Sant'Anna, crioulo, feriu ao menor João, pardo, escravo de José Ribeiro Pirajá, da villa de Camamú, cujo menor se acha entregue nesta cidade ao capitão Carvalho, morador á ladeira de S. Bento.

Tendo ido á venda de Antonio de tal, ao Jogo do Carneiro, comprar um pouco de bacalhau, á mandado de seu mestre João Graciola, em occasião em que passava Theodoro, conta o offendido que um rapaz gracejara com aquelle, o qual voltando-se e entendendo que o gracejo partira delle offendido lhe descarregara um feixe de lenha sobre o alto da cabeça.

—Apre!

—Foi ser preso na freguezia da Sé, cujo subdelegado mandou immediatamente proceder á corpo de delicto e deu as demais providencias.

—O sujeito está com serviço,

—Theodoro além do crime que commetteu, aggravou-o, insultando ao soldado que o acompanhava, e proferindo palavras immoraes por todo caminho.

—Revolta o modo barbaro por que certos senhores tratam a seus escravos.

—Parece destituídos de qualquer sentimento de humanidade.

—Ora á dias eu vi uma mulher, cuja figura por si só excitava compaixão; aleijada, inutil, alquebrada; um corpo sem serventia; e alem disso banhada em sangue.

—Vão ver que resultado de algum acto de barbaridade.

—Foi sua senhora, uma D. Maria Joaquina, moradora ao Boqueirão, que com uma acha de lenha lhe fizera enorme brecha na cabeça.

—Ja eu previa isso.

—Tinha mais os dedos das mãos deslocados, por que aturdida com a primeira pancada deitara as mãos na cabeça e sua compassiva senhora desfechou-lhe segunda, bradando nessa occasião a victima «aqui d'elrei, e sabe o que disse ella?

—V. diga.

—Tu e o rei que vão.....»

Pouco mais ou menos avalie o que seria.

—Não tenho o dom de advinhar.

—Nem eu quero proferir a phrase insultuosa.



—Gente sem piedade! Os carrascos da humanidade, não fazem mais do que enraizar um odio implacavel naquelles em quem exercem suas crueldades.

—Os larapios tem faro de admirar.

—Metade tivesse a policia á pista delles.

—Não perdem vasa!

Do mais leve descuido tiram partido, da mais casual oportunidade se aproveitam.

Parece que advinham.

—Eu não sei si é o diabo que os avisa, por què parece inerivel as astucias que praticam.

—Subtis e arrojados como elles não ha.

—Ora na madrugada de 23 em quanto a crioula Maria Lucia tratava de mudar-se da rua d'Ajuda para o becco do Arcebispo, houve dous larapios que bisparam ella trancar a porta e tirar a chave.

Foi a mulher voltar as costas e elles de chave falsa abrirem-lhe a casa e tirarem n'um fechar e abrir d'olhos cinco pannos da Costa, um rosario de ouro, argollas, anneis, corrente de prata, galantarias do mesmo metal, patacões e outros objectos.

Foram os heroes dessa empreza Manuel Rodrigues e Manuel Conhem.

O diabo entretanto que tem uma capa de encobrir e outra de descobrir, deitou desta vez a capa de descobrir sobre Manuel Conhem, o qual mal aquinhoado na partilha, foi o proprio a denunciar de seu companheiro de empreza e la se foi o Sr. Manuel Rodrigues á ordem do subdelegado da Rua do Paço arejar na Correccão.

—Breve sahe para tentar novas e mais altas cavallarias:

—Capitão, salsadas que se passam nesta terra.

—Estou de maré delhe ouvir.

—O caso não é de vista, é de ouvir dizer.

—Siga; farei a devida apreciação.

—Passava o Santissimo Sacramento por uma das ruas da freguezia de Santo Antonio em occasião em que vinha do lado opposto um cavalleiro que entendeu não dar o menor signal de adoração e reverencia ao Sagrado Viatico conservando-se coberto e montado.

—Acção em todos os sentidos censuravel; impia incredulidade, profanação, sacrilegio.

—O thesoureiro da irmandade, entendeu porém que devia ordenar ao irreverente cavalleiro que se descobrisse, se apeasse e se ajoelhasse.

—Isso é que é demais.

—E como aquelle não quizesse, puchou-o do cavallo.

—Olá!

—E houve um desaguizado.

—Que scena!

—E o cavalleiro foi preso e esteve retido tres dias.

—Ninguem é juiz da consciencia alheia; quem bem faz para si é.

O tal cavalleiro deu idea muito odiosa de si; por certo que a sua ridicula ostentação de incredulidade desafiou a indignação de todos os fiéis; mas embora a fealdade de sua acção, thesoureiro do Sacramento não é cousa para mandar ninguem se descobrir. Cada qual responde por suas acções e na outra vida pelo bem ou mal que ca praticou.

—Eu sou deste parecer.

Si obrasse com prudencia ao menos evitaria a scena brulesca.

—Mas em fim como V. não viu, lhe contaram, pode ser que alterassem.

—Entre a immensa malta de gatunos que infestam esta cidade, Manuel Conhem é um dos que mais se avantajam por seu atrevimento, astucia e dextreza.

—E é aleijado de uma mão, quanto mais si não fôra.

—Ainda não bem desembaraçado do ronbo que com Manuel Rodrigues fez á crioula Maria Lucia da Conceição, ja hontem 26, o endemunhado olho-vivo entrou em uma loja as Grades de Ferro e surripiou alguns cortes de cazemira.

Quando ia porem á todo panno, galrou com dous agentes de policia que o levaram ao porto seguro da Correccão.

—O imperador está á chegar, de passagem, á esta provincia.

—Hoje ou amanha.

—Provavelmente farão feriados nas estações publicas.

—Estou que sim.

—Porém que não aconteça como no funeral da princeza a 22 de abril.

—O que foi que aconteceu?

—Deram feriado aos operarios do arsenal de marinha, sem estes nada pedirem, e no fim da quinzena descontaram o dia dos pobres homens que tanto precisam.

—E' injusto e mesquinho.

—Economias que não adiantam; injustiça palpavel, porque nas demais repartições pagou-se integralmente aos empregados assalariados.

—Assim como eu não sei a razão de ser de certos dias abaixo no salario, quando o operario trabalha pontualmente a quinzena inteira.

—No dia em que o subdelegado de Sao-



Anna, descobriu na rua do Caquende, dentro da casa do Sr. João Pinto Coêlho, um individuo acorrentado, que alli jazia ha mais de seis mezes, o subdelegado da Victoria, dizem, encontrou no lugar denominado Madre de Deus um outro nas mesmas condições, accrescendo achar-se surrado de fresco.

—Mas eu não vi as gazetas noticiarem esse outro caso?

—Consta que se atabafara, porque o Sr. deste infeliz é rico e poderoso.

—Sr. Dr. chefe de policia, procure ver si é exacto este facto, e dê as providencias que o caso urge

Esperemos.

—Capitão, a morada do cidadão Augusto José Chaves foi de novo violada pelos agentes policiaes.

—Será de proposito?

—Na terça feira dois soldados de policia invadiram a casa, quando seu dono não se achava e foram até a salla á pretexto de tirarem uma escrava fugida.

—Olhe que outro dia eu li no *Jornal* uma informação da policia dizendo que era inexacta a noticia do *Alabama* quanto a terem soldados de policia penetrado na casa, e ido até a cosinha e espancado um preto.

—E eu garanto-lhe que foi exactissima; ali estão não só o Sr. A. J. Chaves, dono da casa, para confirmar, como muitas pessoas que presenciaram os soldados entrar na casa.

—Capitão, uma reclamação justa.

—Qual é ella?

—O governo, ou quem competir devia mandar illuminar a ladeira da rua do Cabral, pois pessoa alguma se atreve a descer semelhante ladeira, sob pena de ser submergido nos enormes buracos, que se veem na mesma; é uma grande providencia que se pede, afim de evitar pernas quebradas, e pes deslocados, como já tem acontecido.

—Sim Sr., é muito justo, e si nesta terra se olhasse serianente para o commodo e interesse geral sua reclamação seria immediatamente attendida.

—Capitão, será exacto, que o soldado José Laranja, praça da primeira companhia do 14 de linha, depois de esbofeteado, foi castigado com 30 esbofeteadas por cumprir ordens que recebera, as quaes queria infringir um official?

—Rapaz, a cousa é dura de acreditar; mas outras peiores tem se visto.

—Dizem mais que o soldado havia pedido licença ao official que o esbofeteara para se queixar d'elle, e que lhe fôra negada.

## A PEDIDO

Pergunta-se ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar qual o desfecho que teve um processo instaurado contra Bernardino Tavares de Sena accusado por João da Cruz Vieira de crime de tentativa de morte.

Dizem que semelhante processo, depois de intimadas as testemunhas para deporem, fôra abafado e envolto nas dobras do patrocínio. Como S. S. é o unico competente para dar verdadeira e satisfatoria definição, recorre-se pedindo-lhe explicação; muito embora se esteja certo de que não é possível que tamanho exemplo de corrupção se desse; porem so para tapar a bocca dos linguarudos.

—Capitão, vou lhe contar um caso estu-pendo, reprehensivel e do mas cynico e pecaminoso quilate.

—Sente-se, Sr. Olavo.

—Um sujeito, cujo nome se *assemelha* ao meu, *por ser Olavo o meu e o d'elle* Ovalo, o qual é parente do José que por um *arco via* o que se passava na casa alheia, tendo uma comadre, casada, e com filhas, abusou da franqueza que tinha na casa e requestou sua propria comadre, a qual condescendeu e fugiu do poder do marido com elle.

—Meu amigo eu não me envolvo nisso.

—Ao menos ouça-me.

—O desalmado levou a comadre para a casa do pae da mesma, um tal *E' lia*, o qual em lugar de reprovar o procedimento de sua filha consente que ella esteja em sua casa com um homem que não é seu marido, mais seu compadre!

—Meu amigo, eu sei que V. está magoadado, mas o seu desabafo não lhe dá remedio. A lei pune o adulterio.

—Com tudo é um *sonsolo*; e só lhe peço que se houver alguma occasião disponivel para o muxingueiro, mande metter a taca no safado.

—Entre gostos não haja disputa: o Sr. contenta-se com pouco.

—Por *San' Thiago* de Compostella! Hei de sentar a pavana neste *capitão*.

—Sem quê nem p'ra quê?

—Tem um appetite cego por *doços seccos*.

—Deixe lá. Que se importa V. que o homem coma seus doços?

—Mas é que o filho de Marte, tem uma balda dos peccados. Alimenta um zelo diabolico pelo pasteleiro que *lhe faz* os doços, de sorte a não querer que nenhum outro freguez se encoste ao balcão para tambem comprar doços.



—Quer tudo para si só, papão!

—E seus pobres commandados pagam bem caro, si alguma vez elle os vê á fallar com o pastelleiro.

—Está o que é mau, porque ninguem põe faca nos peitos do sujeito. Si elle vende é por seu interesse.

—Mas que quer? O tal capitão é dos taes que gosta de tecer elogios aos superiores.

—Quem é aquelle sevandija que tanto enche a bocca de canalha, mulatinhos, negros, bodes, alli n'aquella loja de charutos por baixo do antigo consulado?

E' um perfeito reu de policia, um tratante sem pudor, um safado, um legalé, um vagamundo cuja occupação licita é viver enchendo a loja do homem de pernas, bifando, quando acha desgarrado algum charuto, ou filando dos freguezes que entram para comprar.

—Pois esse abjecto, é que tem a filaucia de chamar de moleques e canalha a dois artistas modestos e laboriosos que vivem de seu trabalho sem serem pezados a sociedade, nem se tornarem suspeitos a authoridade!

—Cão goso! Falla esse nojento casmurro em mulato, como si a cor deshonrasse; mas não olha elle que a amarellada pelle está a lhe denunciar a origem, embora o empenho que emprega em occultal-a; não se recorda o infame insolente que uma das avós foi negra gêge, e que a mãe ou uma tia ainda vieram á luz sujeitas ao azorrague; um baixo e ordinario tão cheio de mazellas, com o rabo de vara e meia, ousa despejar a imunda e viperina lingua sobre aquelles que não se querem comparar com elle.

—Não dê assumpto a besta em attenção ao *Salustiano* que pede; deixe-o escoucear á vontade.

—Mas aquella lingua so dada uma volta em um pé de *pereira* que ha no *Castro Neves* e esticada até aqui.

—Qual; é até loucura dar importancia ao que diz um pé-leve, um olho-vivo.

—O' amigo, que foi isso? Ferido e estragado!

—Deixe-me, Sr., um maldicto cachorro passou-me os ferinos dentes.

—Homem de Deus, pois ha quem traga solto um animal que causa tanto mal!

—Ora está! Nesta terra o que é que não faz quem pode?

—Diga-me, em que rua existe o formidavel cão que lhe mordeu?

—No becco da *Jaqueira*, freguezia de *Santa Anna*?

—De que casa é o bicho, soube?

—Isso disseram-me que era da casa de um Sr. que é subdelegado supplente de Brotas.

—V. ouviu mal, pelo que vejo; authoridade de uma freguezia, morando em outra, não se comprehende.

—Não sei; eu não *pinto*, nem invento, digo o que me disseram; seja porem la como for, o prejudicado sou eu que estou mordido.

—Capitão, valho-me do seu conceitnado periodico para fazer algumas observações á respeito da noticia dada pelo *Diario* de 25 do corrente, sobre o espancamento de *Calixto Rodrigues Moreira*, bem como a censura feita a authoridade local por não ter providenciado á respeito do facto.

Os pessimistas que acham tudo que não lhes aproveita mau; os que só querem correção da policia para as faltas e defeitos alheios, ficando as suas impunes, entenderam de levar esse facto de nenhuma significação ao conhecimento do *Diario*, ao passo que se esquecem de outros que deviam ser registrados para conhecimento de suas proprias moralidades e zelo pela tranquillidade publica e amor dos empregos que exercem na sociedade. Como pois se quer fazer um cavallo de batalha de facto tão insignificante, cujo delicto por sua natureza tão-futil, que *Calixto* regressou no dia immediato ao conflicto para a *Matta de S. João*, logar de sua residencia, sem levar ao conhecimento da authoridade cousa alguma? Portanto desta vez não foi justo o tal informante referindo um facto com exageradas circumstancias que não se deram; pois contra ellas protestam o corpo de delicto feito no offendido, que não authorizou acção judicial.

Dito isto, pedirei ao informante que não perca seu tempo com factos de tão pequena monta e antes denuncie attentados graves como uma certa tentativa de morte que não não ha muito se deu, e que entretanto seu author passeia impune contando com a indulgencia que sempre ha para os tenebrosos.

—Acabou?

—Já.

—Pode retirar-se que eu vou mandar as suas observações em conclusão para a opinião publica que ha de julgar quem tem razão.

## ANNUNCIOS.

O Assumpção que tem uns recibos nesta typographia não é Assumpção alfaiate.

No trapiche 2.º *Andrade*, vende se taboças.

*Typ. de Marques, Aristides e C.*